

EDUCAÇÃO ESPÍRITA



 EDICEL

EDIÇÃO
DE **NATAL**



EDUCAÇÃO ESPÍRITA

Revista trimestral de Educação e Pedagogia
(ÓRGÃO DO DEPARTAMENTO CULTURAL EDICEL)

EDITORA CULTURAL ESPÍRITA LTDA.

Rua Maria Paula, 181, sobreloja

Fone 36-2273, São Paulo, Brasil

Direção e Chefia de Redação

J. HERCULANO PIRES

Direção Administrativa

FREDERICO GIANNINI JÚNIOR

Secretaria de Redação

MARIA DE LOURDES A. FERRAZ

Direção Artística

MERHY SEBA

Revisão

EQUIPE EDICEL

Capa

Hector Tortolano

ANO II — OUTUBRO-DEZEMBRO 1972 — N.º 3
Sesquicentenário da Independência do Brasil 1822—1972

ÍNDICE

A Didaxis do Natal	1
A Educação de Jesus	3
A Educação Pagã	11
Nascimento da Educação Cristã	17
Nascimento da Educação Espírita	22
A Pedagogia de Jesus	35
A Didática de Kardec	42
Cursilhos de Espiritismo	49
A Infância de Jesus*	58
Com o Poeta das Crianças	61
Os Exames Através de Testes	64
Muitos Mestres...Um Caminho	69
Trabalho de Equipe	73
Escola Pitoresca	76
Manifestações de Cólera na Criança	79
A Educação como Processo Socializador:	83
Burocratização e Politização dos Líderes Espíritas ...	89
Uma nova Poluição: a do Idioma	93

A DIDAXIS DO NATAL

Os grandes mestres já trazem a vocação de ensinar ao nascer. E por isso costumam ensinar desde cedo. Jesus, ainda menino, quando os outros estão aprendendo, ensinava aos doutores do Templo em Jerusalém. Fatos semelhantes ocorreram com muitas criaturas geniais em todo o mundo. Mas não há registro positivo de alguém que fizesse de toda a sua vida, desde o ato de nascer até a morte, uma didaxis contínua, uma lição incessante. Este é um dos fatos que destacam o Mestre Supremo entre todos os mestres, que caracterizam o Gênio dos gênios.

Gotama Buda era príncipe e nasceu num palácio. Viveu nos esplendores da corte até descobrir as dores do mundo. Mas Jesus escolheu para berço a manjedoura. Nasceu na pobreza e na humildade. E assim viveu, para depois morrer na ignomínia. Aquele que devia salvar o mundo e redimir os homens fez-se o menor e o mais desprezado de todos. Seu nascimento foi a primeira lição que ele dava aos orgulhosos e poderosos da Terra. Depois ensinaria que não se necessita de títulos, de posições, de riqueza e de poder temporal para remover o mundo da órbita da ignorância. E por fim nos deu duas espantosas lições finais: a morte na cruz e o túmulo vazio, mostrando-nos que a injustiça eleva o justo e que a morte desaparece à luz da ressurreição.

Mas a didaxis do Natal tem a sua simbologia. Foi a sua primeira parábola, não falada, mas vivida. O fato de Maria dar à luz num estábulo não era estranho na Judéia do tempo. Os estábulos eram dependências da casa que podiam servir

também às criaturas humanas, particularmente no inverno, quando o calor dos animais domésticos ajudava a aquecer o ambiente. Os estábulos de inverno eram geralmente montados numa gruta para que os animais ficassem mais defendidos nas noites gélidas. Os rigores do inverno obrigavam os homens a se fraternizarem com seus irmãos e servidores mais humildes, os animais domésticos.

Nascendo assim num estábulo Jesus não incidia em nenhuma excentricidade, mas dentro dos próprios costumes do povo, como faria em toda a sua vida, transmitia aos homens a mais bela parábola. A criança divina entre as palhas da manjedoura era como a mônada celeste lançada no seio da matéria. Os animais que a cercavam ajudavam Maria a dar-lhe o calor do sangue e da carne. A centelha celeste era assim envolvida na ganga da encarnação terrestre, com os instintos animais da carne a prendê-la ao chão do mundo, mas com a ternura espiritual de Maria a fortalecer-la para a vitória do espírito. A visita dos Magos, relatada por Mateus, mostra-nos a sabedoria terrena curvando-se reverente ante o saber celeste e prestando-lhe as suas homenagens. A fúria de Herodes o Grande e de Jerusalém com ele revela-nos a hostilidade ciumenta dos grandes da Terra contra os verdadeiros emissários do Alto. A convocação dos principais sacerdotes e dos escribas do povo pelo rei alarmado é o incitamento dos poderes humanos contra os poderes divinos.

Temos assim, na didaxis do Natal, a primeira prova da legitimidade da missão de Jesus. Quando o Buda nasceu os jardins do palácio rebentaram em flores e perfumes. Mas quando Jesus nasceu os anjos cantaram na fímbria do horizonte e os pastores se ajoelharam nos campos nevados, trêmulos de emoção, sem sentirem o frio do inverno. Não queremos desmerecer a grandeza espiritual do Buda e de outros grandes missionários espirituais, mas a didaxis do Natal nos lembra que o Messias judeu era realmente o Mestre dos Mestres, o professor por excelência.

A EDUCAÇÃO DE JESUS

WALTER DA SILVEIRA FRANCO

(Do Grupo de Estudos Pedagógicos
— S. Paulo)

Naquele tempo, como hoje, a educação começava no lar. Os primeiros professores de Jesus foram Maria e José. E' evidente que a primazia absoluta cabe a Maria, pois as primeiras idades da criança estão sob a orientação materna. Mas nas famílias antigas, nas civilizações agrárias e pastoris da Antiguidade, a presença do pai em casa era quase permanente. No caso de José, que era um artífice, um carpinteiro, possuindo sua oficina na própria casa, a influência paterna na educação dos filhos começou bem cedo.

Podemos imaginar Jesus e seus irmãos brincando de carpinteiros, num canto da própria oficina do pai. O instinto de imitação, que marca os primeiros graus da educação infantil, levava as crianças a aprenderem bem cedo o ofício do pai. A educação familiar antiga era um processo de contágio afetivo. As meninas aprendiam com a mãe, os meninos com o pai. E não aprendiam a fazer as coisas, mas a amar o que faziam. O ofício era assim transmitido de geração a geração, constituindo um bem de família, a principal herança que os pais podiam deixar aos filhos.

No tempo de Jesus os judeus já haviam criado um sistema de educação bem definido, superando a naturalidade simplória da fase patriarcal. Mesmo a fase legal instaurada por Moisés, ou seja, a

fase da educação baseada na lei escrita, já estava também mais ou menos superada. O povo havia sofrido dois desterros, no Egito e na Babilônia, e o sofrimento fora compensado pelo contato com duas culturas superiores. O domínio romano da Palestina, por sua vez, já havia exercido a dupla influência das instituições educacionais de Roma e da Grécia sobre Israel.

Jesus nasceu e cresceu no mundo helenístico, numa fase de cosmopolitismo. A Judéia era então uma espécie de encruzilhada cultural, mas os israelitas conseguiram salvar a sua autenticidade cultural graças a dois elementos poderosos que foram — a *predestinação racial* e o *profetismo*. O primeiro desses elementos, a predestinação, provinha da aliança dos patriarcas da raça com Deus, o todo-poderoso Jeová, que fizera dos judeus o seu povo eleito, predestinado a salvar o mundo. Abraão, Isaac e Jacob são os três pilares da fé que vai se desenvolver com Moisés e encontrar nos profetas Isaías, Jeremias, Daniel e Ezequiel os verdadeiros construtores da educação hebraica. O profetismo é o elemento que alimentará sem cessar a idéia da predestinação e garantirá a pureza da cultura judaica em suas relações com as demais culturas do tempo.

Jesus cresceu nesse ambiente de aspirações universais orientadas pela fé cultural de Israel. Sua educação foi diferente da que ofereciam os sistemas educacionais da época. A Grécia educava, segundo Atenas, objetivando a formação humanista, a realização do homem ideal. Roma educava tendo por alvo a formação do cidadão. A própria Grécia, em Esparta, educava visando à formação do guerreiro. Mas Jesus recebeu a educação judaica, uma preparação do homem para o serviço de Deus.

Jesus na Escola

No lar, Jesus recebeu, até os seis anos de idade, lições de Maria e de José que o iniciavam no conhecimento das escrituras sagradas. Mais

tarde seria estabelecido o sistema de ensino que se aprimorou no segundo século depois de Cristo, determinando a idade escolar entre 8 e 18 anos. Naquele tempo essa idade começava dois anos mais cedo. Aos seis anos Jesus foi levado à Sinagoga de Nazaré, na manhã de um sábado, para ser apresentado ao professor e participar da primeira cerimônia religiosa. No dia seguinte Maria e José o levaram para as primeiras aulas, vestido de túnica nova, de linho branco, que a mãe fiara no seu fuso caseiro. Era uma túnica de franjas. O menino estava descalço, mas Maria lhe pendurou nos ombros um par de sandálias para ser usado quando necessário.

O material escolar era simples: um estilete, uma espécie de lousa escolar feita de cera e um rolo de pergaminhos com versículos dos profetas, alguns salmos e trechos do Levítico. Aos seis anos, como todos os meninos judeus de pais cuidadosos, Jesus já conhecia versículos de Isaías e trechos da introdução do Levítico, que Maria lhe ensinara e fizera decorar. A educação familiar ia agora ampliar-se na escola da Sinagoga, mas sempre na mesma orientação. E o menino Jesus, saindo do círculo da família, entrava no mundo judaico através do processo de sociabilidade que a escola representava (naquele tempo como hoje.)

A sala de aula era uma dependência apropriada, com suficiente ventilação e luz, na própria Sinagoga. Os meninos se acomodavam sobre uma esteira, voltados para o rabino, que era o professor. Para melhor acentuar a sua autoridade, este sentava-se num banco alto, tendo uma vara na mão, pronto a chamar a atenção dos que se distraíssem. As aulas começavam cedo, pouco depois do sair do sol, e terminavam quase ao meio dia. Constavam de preleções especiais, adaptadas à mente infantil, e de exercícios de cópia e decoração de textos. Era muito importante decorar bem, pois a memorização era a base da sabedoria. O ensino nessa fase era também considerado como de importância vital, pois a mente infantil absorvia as letras sagradas

como a folha de papiro absorvia para sempre a tinta fresca dos estiletos.

Apesar do tempo excessivo das aulas e da excessiva autoridade do rabino, havia certas compensações. Os alunos se distraíam com os exercícios orais, que tomavam a maior parte do tempo e tinham um ingrediente excitante: a competição. O rabino fazia os alunos repetirem muitas vezes um versículo ou uma passagem dos textos, até o decorarem. A repetição era feita em coro e cada um procurava declamar ou cantar mais alto que os outros. Os vencedores ganhavam as melhores notas. O interesse pelas notas e pelos elogios do rabino ajudava a passar o tempo.

O aprendizado da língua e da escrita estava ligado naturalmente ao aprendizado das escrituras sagradas. Após a decoração de textos em conjunto cada aluno devia repetir sozinho o tópico aprendido. Isso levava bastante tempo, pois o rabino corrigia de um em um as falhas de memória e de pronúncia. A seguir, passava-se à leitura dos rolos de pergaminho e depois aos exercícios de escrita. Estes eram morosos. Os meninos começavam com as letras mais simples e algumas pontuações. De aula para aula, pacientemente, o rabino via os seus pequenos discípulos progredirem no conhecimento simultâneo das disciplinas escolares, até que pudessem escrever sem dificuldades nem vacilações as 23 letras do alfabeto hebraico. Então já estavam aptos a copiar versículos sozinho, sem a ajuda do rabino.

As aulas começavam e terminavam com a recitação da prece *Schemá* (Ouve, ó Israel!) e com o cântico de louvores *Hallel*. Só depois do encerramento das aulas os meninos podiam comer suas merendas e brincar um pouco no pátio da Sinagoga ou voltar para casa. Jesus voltava sempre acompanhado pelo filho de um curtidor, mais velho que ele três anos. Era o menino maior e mais experiente quem o levava diariamente à escola. Os gregos usavam um pedagogo escravo, já adulto, mas os judeus se contentavam com meninos mais ve-

lhos que pudessem guiar e proteger os menores pelo caminho.

Consta, na tradição judaica, que o menino Jesus destacou-se logo na classe pelo seu conhecimento precoce dos textos. O rabino o inquiria continuamente a respeito, querendo saber onde ele aprendera tudo aquilo. O menino respondia que aprendera com a mãe, que lhe ensinara as próprias letras do alfabeto escrevendo-as no chão com uma vara. Mas era tão rápido o aprendizado desse estranho garoto que o rabino ficava às vezes pensativo. Maria gostava de sugerir que talvez os anjos do Senhor lhe estivessem ensinando essas e muitas outras coisas.

Escola e Vida

A escola judaica não era apenas a **sociedade em miniatura**, mas a própria vida em elaboração. Porque toda a vida judaica tinha esse mesmo sentido unitário e global. Toda ela se fundava nos livros sagrados. Viver, na verdade, não era levar a vida mas viver as escrituras. Nos anos seguintes Jesus aprofundou-se no estudo do **Talmud**, que contém os ensinamentos dos rabinos sobre a **Torá**. Sua capacidade de aprender e de interpretar por si mesmo os textos escritos colocou-o em posição de destaque. Depois entrou no estudo da **Mischna**, o livro das tradições. Toda a vida de Israel, todo o seu passado, toda a sua cultura estavam ao seu alcance. Já adolescente, estava preparado para os cursos superiores, nas escolas rabínicas. Estas escolas equivaliam às faculdades de teologia do nosso tempo, formando sacerdotes e doutores da lei.

Há uma semelhança a notar entre o ensino judaico e o ensino romano. É no tocante à prática da vida. Da mesma maneira que os romanos levavam seus filhos jovens em sua companhia para que aprendessem a aplicar na prática o que aprendiam na escola, os judeus iniciavam os filhos em seus ofícios como seus ajudantes. José levava Jesus com ele ao mercado de Séforis, onde vendia seus

artefatos. Jesus continuava assim o seu aprendizado familiar como uma continuação do ensino escolar.

Nas atividades religiosas, como nas atividades da vida prática, o mesmo processo era empregado. A discussão de Jesus com os doutores do Templo em Jerusalém não foi mais do que um episódio da sua educação. O que deu realce excepcional a esse caso foi a prova incomum de conhecimentos e a capacidade de raciocínio que o jovem ofereceu. Os adolescentes acompanhavam os pais aos mercados, às sinagogas, ao Templo, aos pretórios, a toda parte, para poderem completar sua educação. Escola e vida se fundiam na unidade absorvente da Religião de Israel.

Mas o que caracterizou Jesus e o distinguiu dos seus colegas foi a capacidade de assimilar o espírito da educação judaica. Seus próprios irmãos, educados pelo mesmo sistema, pelos mesmos pais e na mesma sinagoga, não foram além da educação formal. Até mesmo Tiago, o irmão que mais se aproximou dele e que por fim o seguiu, deixou-se prender pela tradição formalista. Jesus penetrou na essência da educação judaica e por isso foi capaz de superar o Judaísmo e reformá-lo. Essa reforma consistiu numa espécie de virar pelo avesso o Judaísmo, arrancando das entranhas do formalismo a verdade oculta que brilharia mais tarde no Cristianismo.

E' evidente que, para fazer isso, Jesus tinha de trazer consigo algo mais do que possuíam o comum dos homens e até mesmo os sábios de Israel. Ele trazia a sabedoria intuitiva que desabrochava ao simples toque dos estímulos educativos. A educação de Jesus nos interessa, pois, não apenas como possível curiosidade histórica ou lendária, mas como exemplo vivo da natureza da Educação, que é a dinâmica do despertar do espírito pelos estímulos do ambiente. Podemos ver isto não só em Jesus, mas também nos grandes gênios que fizeram a Humanidade avançar no campo da criatividade, partindo dos mesmos sistemas educacionais

em que gerações inteiras se perderam na rotina das repetições.

Os poderosos estímulos da educação judaica estavam condicionados pelo formalismo da tradição. O espírito superior de Jesus rompeu esse condicionamento porque as forças interiores nele despertadas eram mais poderosas que os diques da tradição. Penetrando no sentido dos textos, Jesus descobriu, por trás da letra que mata, o espírito que vivifica. Essa violação do segredo custou-lhe a condenação dos homens. Mas graças a ela a educação judaica, estagnada na rotina da tradição, imobilizada no círculo vicioso das repetições, conseguiu romper a casca e produzir os seus frutos para o mundo.

E' difícil conciliarmos, hoje, a violência do Velho Testamento com os ensinamentos de paz e amor do Evangelho. Não obstante, a seiva que informa o Sermão da Montanha vem das profundidades da Torá através das raízes da educação judaica. Essa educação teológica, nascida nas entranhas das civilizações teocráticas do Oriente, tinha um sentido oculto, que somente um dos educandos foi capaz de sentir e revelar.

A Educação Cristã iria cair também no mesmo círculo vicioso. O Cristianismo aproximou-se do modelo totalitário do Judaísmo e criou a civilização teocrática da Idade Média. A cadeira de Moisés foi substituída pela cátedra de São Pedro. O Templo de Jerusalém teve a sua réplica no Vaticano. O formalismo cristão, herdeiro do formalismo judeu, restabeleceu o império da letra e sufocou de novo o espírito que vivifica. A Educação Cristã foi derrotada pelo Paganismo que renasceu no pluralismo materialista das Ciências. Como consequência, a Educação Leiga se impõe ao mundo como única solução para o impasse educacional criado pelo sectarismo religioso.

A idéia de Deus e do destino espiritual do homem foi sufocada pela concepção utilitária do mundo vazio e da vida sem sentido. A Educação se converteu em simples **reelaboração da experiência**. Caímos numa forma nova de paganismo em

que a civilização tecnológica impõe-nos o império da Técnica com a idolatria da Máquina. É neste momento que a Educação Espírita surge como a solução histórica do novo impasse educacional. Porque nela, na Educação Espírita, reencontramos e seiva judaica e a seiva cristã libertas de todo formalismo, oferecendo ao homem a síntese da concepção redentora que Jesus apresenta em seu Evangelho.

Bibliografia:

- Marrou, H. I. — *Histoire de l'Education dans l'Antiquité.*
Luzuriaga, Lorenzo — *Historia de la Educación y de la Pedagogia.*
Hubert, René — *Traité de Pedagogie*
Asch, Solem — *Maria* (Dados sobre a educação de Jesus segundo a tradição judaica.)

A EDUCAÇÃO PAGÃ

MARIA DE LOURDES ANHAIA FERRAZ

(Do Curso de Pedagogia da Faculdade de
Filosofia, Ciências e Letras São Marcos
— Professora do Grupo Escolar Raul
Fonseca — São Paulo.)

A expressão Educação Pagã nos propõe um tema muito amplo e difuso, mas o nosso objetivo neste trabalho o limita apenas à Educação Greco-Romana. Porque o nosso interesse, neste caso, é tratar das relações dessa forma educacional com a Educação Hebraica e a Educação Cristã. Como tratamos do tempo de Jesus, do aparecimento e desenvolvimento do Cristianismo, o que nos importa nessa educação é a sua posição no quadro histórico e cultural da época. E' por isso também que podemos falar de uma educação greco-romana em sentido global, pois a tradição educacional grega se fundira então com a tradição romana.

Considera-se o Paganismo como uma caminhada em direção ao Cristianismo. Nesse sentido podemos dizer que a Educação Pagã era uma preparação, um ensaio para a Educação Cristã. Isso fica mais claro quando vemos que a Educação Hebraica, a forma educacional em que Jesus foi educado, representa uma evolução da Educação Pagã em seu aspecto religioso. Acontece então um curioso fenômeno cultural: a Educação Pagã se nos apresenta como dividida, na sua fase final, em duas correntes que vão desembocar no Cristianismo. De um lado, a Educação Greco-Romana representa o momento

final da evolução pagã em seu aspecto leigo ou cívico. De outro lado a Educação Judaica representa o seu momento final no campo religioso.

Pelo que sabemos de Jesus, nenhuma influência teve em sua formação a Educação Greco-Romana. Mas já não podemos dizer o mesmo do Cristianismo e particularmente da Educação Cristã, que herdaram muito da Educação e da Pedagogia do paganismo. Podemos mesmo encontrar, no processo de desenvolvimento da Educação Cristã, certas fases evolutivas que correspondem a fases antigas da Educação Pagã, como no caso da fase empírica, de educação não institucionalizada, sem escolas, e da educação cavaleiresca dos tempos homéricos na Grécia e da Idade Média na Europa cristã.

Paul Monroe, em sua "História da Educação", dá-nos uma visão clara do encadeamento natural do processo educacional através dos séculos, mostrando que a Educação Grega antiga já continha os elementos que mais tarde se desenvolveriam nas formas superiores. A certo momento afirma: "A educação do período homérico já continha os germes de todo o desenvolvimento subsequente." Sabemos que a Cultura se desenvolve de geração em geração, de maneira que há uma relação constante de procedência nas formas culturais. Como a educação é o meio natural de transmissão da cultura, é também natural que verifiquemos essas relações no processo educacional.

A questão religiosa

A partir da Educação Primitiva, com seu ritualismo característico, até a fase de esplendor das chamadas Civilizações Orientais, vemos a Religião como elemento essencial da Educação. Luzuriaga faz uma observação curiosa ao apontar a Pérsia como o apogeu da educação teológica da Antiguidade Oriental. E' realmente na Pérsia que assistimos ao primeiro rompimento da forma cívica de educação com a forma religiosa. A Pérsia antiga se apresenta como a última grande civilização oriental de bases teocráticas. Mas nela se verifica a pri-

meira revolução educacional com a instituição do Estado militar. Nesse momento o clero perde o seu poder para os militares. A Educação Pagã se bifurca e a forma militar de educação é instituída.

Essa divisão, que marca uma nova era na História da Cultura, e portanto na História da Educação, vai se projetar historicamente na Grécia, de maneira mais nítida e objetiva, com a educação espartana (militar) e a educação ateniense (cívico-religiosa). Posteriormente vamos ver as duas formas se fundirem de novo num sistema único na Educação Greco-Romana. Mas essa fusão é marcada, pela supremacia da forma cívico-militar, porque em Roma prevaleceu o ideal espartano da formação do **cidadão** sobre o ideal ateniense da formação do homem como **indivíduo**. Por essa razão a Educação Greco-Romana aparece como forma cívica no sistema geral da Educação Pagã, em oposição à forma tipicamente religiosa da Educação Hebraica.

A Educação Cristã, por sua vez, virá fundir de novo as duas formas — a religiosa e a cívica — mas já então numa síntese superior. Isso nos mostra que o processo de evolução educacional é dialético. Esta síntese cristã também não resiste ao tempo, às mudanças culturais que vão se dar fatalmente na sucessão das gerações. Vemos então a nova separação das formas que se opera no Renascimento de maneira lenta, progressiva, para afinal eclodir na revolução iniciada por Rousseau com seu livro “*Emílio ou da Educação*”.

O aparecimento da Educação Laica restabelece o divisionismo persa e grego que perdura ainda hoje. A educação religiosa se consolida nas formas pedagógicas do Cristianismo, particularmente na Pedagogia das ordens religiosas católicas e nas correntes pedagógicas do Protestantismo. O **naturalismo** de Rousseau e o **iluminismo** dos filósofos (destacando-se o enciclopedismo francês) fazem do século XVIII um momento decisivo da nova bifurcação educacional.

A influência de Rousseau parece ter um sentido ainda não suficientemente percebido. O seu **naturalismo** o coloca ao lado dos que lutam por uma educação laica, mas o seu deísmo vai abrir perspectivas para o novo retorno à unidade educacional cívico-religiosa que parecia definitivamente destruída. E' de Rousseau que vão surgir, por exemplo, a Pedagogia de Pestalozzi e a Pedagogia de Tolstoi, ambas profundamente enraizadas no pensamento e no sentimento religiosos, mas desligadas do formalismo sectário. Pestalozzi aparece na História da Educação como um verdadeiro mártir que tudo sacrifica para restabelecer, mais em bases práticas do que teóricas, a unidade educacional.

A Educação Integral

Convém lembrar que na Educação Grega o elemento religioso sempre esteve presente e atuante. Sócrates foi acusado de corromper a juventude porque no seu ensino violava a tradição religiosa da crença nos deuses mitológicos. Dois princípios básicos de Sócrates, ainda hoje bem vivos, são de ordem religiosa: o da **maiêutica**, segundo o qual era necessário tirar do próprio educando o seu conhecimento oculto, latente no inconsciente (princípio que Platão esclareceria com a sua teoria da **reminiscência**, sustentando a anterioridade da alma) e o princípio do **conhece-te a ti mesmo**, que Sócrates aprendeu com o oráculo de Delfos, através de comunicação mediúnica do deus Apolo. Esses princípios andam travestidos de laicismo na educação atual.

O momento que vivemos é o da elaboração de um novo tipo de educação. Os progressos do século XIX e o avanço rápido dos conhecimentos no século atual fizeram surgir os novos conceitos de Educação Integral e Educação Permanente. Uma educação integral não pode desprezar nenhum dos elementos culturais que correspondem à natureza humana. Assim, já se notam na Pedagogia atual os sinais de uma tendência religiosa, que dia a dia mais se aprofunda. Se o homem é um **animal político**, como queria Aristóteles, uma criatura feita

para viver na polis, na cidade, e portanto na sociedade, muitos pensadores atuais reconhecem que ele é também um animal religioso.

A designação de animal não deve chocar-nos a sensibilidade, pois sabemos que o nosso corpo se enquadra no reino animal de maneira inegável. Sabemos também, por outro lado, que os animais não são apenas corpos materiais, mas possuem alma, são constituídos não apenas de corpo, mas também de um elemento anímico, não material. A Educação Pagã tinha um sentido integral porque cuidava do corpo e da alma, como vemos no lema latino **mens sana in corpore sano**. A educação grega, com seu ideal de perfeição humana, não se atinha apenas à perfeição física, mas também à espiritual, como vemos na **paidéia**, o sonho de uma educação integral e portanto perfeita.

Na Educação Hebraica o cuidado com o corpo ia até o exagero da pureza ritual. Essa educação, portanto, alimentava o mesmo anseio de realização plena do homem que vemos na **paidéia** grega. Mas somente agora estamos em condições de enfrentar com sucesso a Educação Integral. As profundas aspirações do Paganismo e do Judaísmo têm hoje a possibilidade de efetivar-se graças ao desenvolvimento dos conhecimentos e o aprimoramento da cultura. O conceito de Educação Permanente corresponde, por sua vez, à intuição da imortalidade da alma e portanto da continuidade da vida após a morte. O homem deve educar-se durante toda a vida porque a sua educação não tem por objetivo apenas o viver no mundo, mas ainda o preparar-se para a vida espiritual.

E' neste momento que a Educação Espírita surge na Terra como o remate natural de todo o processo educacional do passado. Não se trata de um remate em sentido de ponto final, mas no sentido de conclusão de um grande ciclo evolutivo. Na Educação Espírita encontramos a síntese de todo o processo. Os objetivos da Educação Pagã, da Educação Hebraica e da Educação Cristã, — não os objetivos parciais, mas os finais, os que

correspondem aos fins da educação, — estão presentes e são plenamente atingidos na Educação Espírita. Porque nela temos a possibilidade de pleno desenvolvimento do educando — no corpo e no espírito — com o conhecimento racional e intuitivo da natureza e do destino do homem. A Educação Espírita não forma o homem para Deus ou para o Mundo, mas para ambos ao mesmo tempo, atenta à visão integral do Mundo e da Vida que o Espiritismo nos proporciona.

NASCIMENTO DA EDUCAÇÃO CRISTÃ

J. AMARAL SIMONETTI

(Grupo de Estudos Pedagógicos —
S. Paulo)

A própria existência da Educação Judaica, independente e inteiramente distinta da Educação Greco-romana, indicava ao Cristianismo a possibilidade e a necessidade de organização do seu sistema educacional. O exemplo histórico, por sua vez, corroborava as exigências teóricas da nova doutrina. Assim, a prática judaica e a teoria cristã dariam nascimento a um novo tipo de educação, correspondente às aspirações da nova era que brotava dos ensinamentos de Jesus. Mais tarde — como sempre acontece em Educação — teria de surgir a Pedagogia Cristã, que por sinal se dividiria em vários sistemas pedagógicos, adaptados às várias correntes que surgiriam na interpretação evangélica.

Bastaria o conhecimento deste fato histórico, obrigatoriamente registrado nos tratados de Pedagogia, para mostrar a professores e leigos, espíritas ou não, a legitimidade da Educação Espírita — que já é um fato concreto e portanto histórico em nossos dias — e a necessidade de formulação da Pedagogia Espírita. Só o desconhecimento da História da Educação e a ignorância do processo de nascimento da Educação Cristã pode levar alguém a se opor ao desenvolvimento da Educação Espírita e conseqüente aparecimento do sistema pedagógico correspondente.

Além das bases históricas (judaicas) a Educação Cristã se fundamentou ainda no próprio exemplo de Jesus e de seus discípulos, entre os quais se destaca, por sua cultura e sua atividade intensiva, a figura do apóstolo Paulo. Lorenzo Luzuriaga, na sua **História da Educação e da Pedagogia**, ofereceu-nos este trecho que devia ser amplamente divulgado no meio espírita:

A Educação Cristã se realizou, nos primeiros tempos, direta e pessoalmente. Os educadores foram o próprio Jesus — o Mestre por excelência — os apóstolos, os evangelistas e, em geral, os discípulos do Cristo. Era então uma educação sem escolas, como aconteceu com a budista, a judaica, e em geral com todas as religiões em seus primeiros tempos

Note-se que Luzuriaga refere-se a outros exemplos históricos, relativos a outras religiões. Sabemos que a forma pessoal e direta de educação marca sempre o início de qualquer desenvolvimento de novo sistema educacional. É um fenômeno obrigatório e constante em todo o campo educativo e corresponde ao período inicial da educação familiar em todas as civilizações. Toda educação começa sempre pelo ato de educar, que se passa necessariamente entre duas ou mais pessoas. Jesus iniciou a Educação Cristã ao ensinar pessoalmente os fundamentos da nova doutrina ao povo.

Henri Marrou, professor da Sorbonne, em sua famosa **Histoire de L'Education dans L'Antiquité**, que todo estudante de pedagogia deve obrigatoriamente conhecer, abre com as linhas abaixo o seu capítulo sobre o Cristianismo em face da Educação Clássica:

A expressão educação cristã é encontrada nos escritos de São Clemente de Roma, lá pelo ano 96. São Paulo, antes dele, já se preocupara em aconselhar os pais sobre a maneira de educar os filhos: essa é uma preocupação constante do Cristianismo. (I Coríntios; Efésios; Colossenses.)

Pode-se alegar que a Educação Cristã era, de início, puramente religiosa. O mesmo aconteceu com

todas as formas de educação nascidas das grandes religiões. A própria Educação Geral, que abrange todas as formas específicas, também se iniciou com os rituais das tribos. Na proporção em que o Cristianismo se propagava e se institucionalizava, a incipiente educação cristã ia amadurecendo e se definindo. Foi por volta de 179 que o filósofo grego Pantenus, convertido ao Cristianismo, fundou em Alexandria a primeira escola de catequistas. Os didáscalos, catequizadores sem preparo, iam ser substituídos por professores formados em curso especial, de natureza enciclopédica. Clemente e Orígenes fariam dessa escola, mais tarde, o mais importante centro de cultura religiosa da época.

Podemos dizer que, com a iniciativa do filósofo Pantenus, a educação cristã deu um verdadeiro salto qualitativo, atingindo a institucionalização em plano superior.

A Pedagogia Cristã

A Pedagogia propriamente dita só aparece depois do desenvolvimento da Educação. Porque a Pedagogia é o estudo, a pesquisa, a reflexão sobre o processo educacional. Assim, cada novo sistema educacional surge e se desenvolve sob a pressão das necessidades culturais, amparado por uma orientação pedagógica estranha. A Educação Cristã se desenvolveu em meio da cultura clássica greco-romana, mas sob a influência pedagógica da Educação Judaica. As culturas grega, romana e judaica geraram historicamente a nova cultura cristã. Assim, a Educação Clássica e a Educação Judaica foram as fontes naturais de que surgiu a Educação Cristã.

Jesus reformou o Judaísmo e dessa reforma saiu o Cristianismo. Os cristãos, a partir do impulso inicial do próprio Cristo (o Mestre por excelência) teria de reformar a Educação Clássica e a Educação Judaica, e dessa reforma surgiria a Educação Cristã. Só assim, nessa perspectiva histórica, poderemos compreender a continuidade natural que

existe no processo educacional. Cada nova Educação não é a negação da anterior, mas o seu desenvolvimento.

O fenômeno de transmissão da cultura através das gerações explica as metamorfoses educacionais. A reelaboração da experiência, segundo a tese de Dewey, implica o aproveitamento dos valores adquiridos pela cultura anterior. O Cristianismo se apresenta, ainda hoje, sobrecarregado de heranças pagãs e judaicas. Essas heranças pesaram também no desenvolvimento da Educação Cristã. Mas na era patrística, entre os séculos III e IV, elas vão servir para a elaboração da Pedagogia Cristã. Os primeiros pedagogos cristãos eram homens formados no seio da Pedagogia Clássica greco-romana e influenciados (escriturística e teologicamente) pela Pedagogia Judaica.

Clemente de Alexandria, autor de *O Pedagogo*, primeiro tratado pedagógico do Cristianismo, fora formado na Filosofia grega e deu ao professor cristão o nome de *logos*. Seu famoso discípulo e continuador, Orígenes, autor da *Suma Teológica Metafísica*, teve a mesma origem cultural e considerava a Filosofia como o preâmbulo da Religião. Basílio, fundador da escola monástica, já se desprende da herança grega mas se apega à judaica, especialmente às Escrituras. Quintiliano e Jerônimo desenvolvem métodos especiais e se voltam mais para a essência cristã dos Evangelhos. Com São Bento a Educação Cristã já começa a abrir suas portas para o mundo, saindo do recinto fechado dos mosteiros para aceitar alunos externos. Mas é com Agostinho autor de *A Cidade de Deus*, *O Mestre de Deus*, *O Mestre e Da Ordem*, que a herança platônica se acentua vigorosamente na Pedagogia Cristã, ao mesmo tempo que os elementos fundamentais da Pedagogia Pagã são adaptados à Escola Cristã e nela integrados: as artes liberais, a retórica, a eloquência, a cultura física.

Na segunda metade do século IV temos o episódio curioso de Juliano, o apóstata. O imperador Juliano, que subiu ao trono em 361 e se fizera

cristão, apostatou e dedicou-se ao restabelecimento do helenismo. A 17 de Junho de 362 expediu uma lei, explicada por uma circular, impedindo os professores cristãos de lecionarem nas escolas imperiais. Alegava que era imoral a posição desses professores ao ensinarem Homero ou Hesíodo sem acreditarem nos deuses mitológicos. Isso provocou uma reação dos cristãos, que passaram a adaptar textos do Velho Testamento ao ensino das letras nas escolas cristãs. Assim, Juliano o apóstata ajudava a escola cristã a se firmar na sua autonomia cultural.

Encerramos este breve apanhado do nascimento da Educação Cristã com um episódio significativo. Como podiam os professores cristãos ensinar na escola pagã sem trair os seus princípios, a sua fé, e ao mesmo tempo sem trair o paganismo? Juliano o apóstata tinha razão. Como diz o provérbio popular: não se pode andar com os pés em duas canoas. E como poderiam os alunos cristãos aceitar o ensino pagão sem renunciar à sua própria formação cristã iniciada no lar?

Esse episódio histórico esclarece bem a situação atual dos professores e alunos espíritas. Como podem eles ensinar e aprender aquilo que consideram errado, nas escolas materialistas e religiosas de hoje? Como podem os alunos espíritas consolidar a sua cultura espírita em escolas que não aceitam os princípios doutrinários, que os refugam e condenam sem os conhecer? Estamos hoje, como os cristãos do século IV, perante um dilema cultural de profundas implicações éticas. E é por isso, evidentemente, que assistimos ao nascimento da Educação Espírita.

NASCIMENTO DA EDUCAÇÃO ESPÍRITA

J. HERCULANO PIRES

(Professor fundador e primeiro titular da Cadeira de História e Filosofia da Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara — Do Grupo de Estudos Pedagógicos, São Paulo.)

Cada fase da evolução histórica é marcada por uma nova concepção do homem e do mundo. E' conhecido o esquema formulado por Augusto Comte mas convém repeti-lo. A evolução humana se processa em três estados ou três fases bem caracterizadas: 1.º) o estado teológico, representado pelas civilizações teocráticas e mitológicas da Antiguidade; 2.º) o estado metafísico, simbolizado pela Idade Média; 3.º) o estado positivo, a que corresponde o Positivismo como filosofia científica, representado pela era das Ciências.

Um leitor da *Revista Espírita* escreveu a Allan Kardec propondo a esse esquema, que Comte chamou de lei dos três estados, o acréscimo do estado psicológico. Kardec publicou a carta na Revista de Abril de 1869 e considerou acertada a sugestão do leitor. De fato, com o advento do Espiritismo em 1857 o estado positivo havia sido superado, a Humanidade entrava em nova fase evolutiva caracterizada pelo predomínio das pesquisas psicológicas.

O acerto dessa proposição se confirmou no decorrer da segunda metade do século XIX e na

primeira metade do século XX. As Ciências Psicológicas, tanto no que respeita à Psicologia quanto no tocante ao Espiritismo e às Ciências Psíquicas por ele geradas, desenvolveram-se de tal maneira nesse período que acabaram predominando na cultura do século. Nesta segunda metade do século XX, em que nos encontramos, o avanço nesse campo de pesquisas e estudos ultrapassou toda expectativa.

Estamos hoje, inegavelmente, na Era do Espírito. Já passamos além do **estado psicológico**, que era apenas o vestíbulo de uma fase decisiva da evolução humana. Estamos no **estado espírita**. Em apenas alguns anos, de 1930 a 1970, demos um gigantesco **salto qualitativo** — da Psicologia animista, reduzida às investigações do comportamento humano, à Parapsicologia, que rapidamente avançou na demonstração da realidade do espírito, a partir dos fenômenos rudimentares de clarividência e telepatia até à pesquisa e comprovação das comunicações de espíritos (fenômenos theta) e da reencarnação (memória extra-cerebral). Ao mesmo tempo, a Física, **Ditadora das Ciências**, como Rhine a chamou, cujos conceitos e métodos de investigação materialista se impuseram discricionariamente a todo o campo do conhecimento, **saltou** repentinamente além da matéria, descobrindo a antimatéria, reconhecendo a sua importância fundamental na estrutura do Universo, e logo mais descobrindo o corpo bioplástico dos vegetais, dos animais e do homem.

Corroborando essas conquistas terrenas houve também o assalto ao Cosmos pela Astronáutica. Esse mergulho no Infinito trouxe mais uma possibilidade de confirmação da chamada **hipótese espírita**, tão ridicularizada e menosprezada pelos **homens positivos**, no tocante à existência de uma **escala dos mundos**. Pesquisas astrobiológicas revelaram a existência de elementos vitais na imensidade cósmica e os cientistas mais eminentes já não temem declarar a sua convicção da possibilidade de vida humana em outros planetas.

Para negar que estamos na Era do Espírito seria preciso negar todos esses avanços da Ciência, o que evidentemente ninguém pode fazer.

A outra face do real

No mesmo instante em que o homem conseguiu ver, pela primeira vez na História, a face oculta da Lua, os cientistas soviéticos (logo eles) conseguiram, em suas pesquisas com a câmara Kiriliã, na Universidade de Alma Ata, nos confins do Kazakistã, próximo à fronteira chinesa (bem escondidos nas selvas) ver e fotografar o corpo espiritual do homem. E conseguiram mais, em experiências com moribundos, pesquisando o fenômeno da morte, constatar que esse fenômeno só ocorre quando o **corpo bioplástico** (como o chamaram) se retira do corpo carnal, que então e só então se cadaveriza.

O Cristianismo havia conseguido a conversão do mundo. O Espiritismo está conseguindo a conversão da Ciência. A visão nova dos cristãos modificou as relações humanas, mesmo nas áreas não dominadas pelo Cristianismo, e criou uma nova cultura. A visão novíssima do Espiritismo deu novas dimensões à visão cristã e está criando uma nova civilização. Segundo a conceituação de Kerchensteiner a cultura se divide em objetiva e subjetiva. A **cultura objetiva** se constitui dos bens concretos que formam a civilização, a **cultura subjetiva** representa o acervo de conhecimentos abstratos que formam o saber de cada civilização.

A cultura, tanto objetiva como subjetiva, da Era do Espírito, não pode ser transmitida às novas gerações através dos limitados recursos da Educação Cristã ou da Educação Leiga, ambas irremediavelmente superadas. O conflito **materialismo versus espiritualismo**, que gerou essas duas formas de educação, não tem mais possibilidade de sobreviver na cultura atual. A nova concepção do homem e do mundo que marca o nosso tempo exige uma nova educação de dimensões cósmicas e espirituais. Porque a Era do Espírito é também a Era Cósmica.

E só o Espiritismo tem condições para atender a essa exigência do nosso tempo, através da Educação Espírita, que já se desenvolve espontaneamente aos nossos olhos e por sua vez exige a sua formulação pedagógica.

A descoberta do espírito

Em 1854 o Prof. Denizard Rivail começou a investigar os fenômenos psíquicos que haviam, nove anos antes, abalado os Estados Unidos e repercutido intensamente na Europa. Discípulo de Pestalozzi, o grande pedagogo da época, e ele também pedagogo, interessava-se por todos os fenômenos que pudessem dar-lhe um conhecimento mais profundo da natureza humana. Partia do princípio de que o objeto da Educação é o homem e por isso o pedagogo tinha por dever aprofundar o conhecimento deste. Em 1857 lançava em Paris **O Livro dos Espíritos** como primeiro fruto de suas pesquisas. Havia descoberto o espírito, determinado a sua forma, a sua estrutura, as leis naturais (e não sobrenaturais) que regem as suas relações com a matéria. Podia afirmar, baseado em provas, que a natureza do homem é espiritual e não material, que ele sobrevive à morte, que possui um corpo energético e se submete ao processo biológico da reencarnação para evoluir como Ser, despertando em sucessivas existências as suas potencialidades ónticas.

Se Jesus ensinara essas coisas, na medida do possível, nos limites culturais do seu tempo, Denizard Rivail, que para tanto adotava o nome de Allan Kardec, passava então a ensiná-las de maneira mais ampla e com maiores recursos culturais. Tornou-se o professor de Espiritismo, como passaram a chamá-lo os que aceitaram a sua verdade. Para isso lançou uma revista especializada, a **Revue Spirite**, e passou a fazer conferências e publicar livros e folhetos em linguagem didática, bem acessível ao povo. Estava iniciada a Educação Espírita.

Para bem configurarmos o nascimento da Educação Espírita convém lembrar que Amélie Boudet, esposa de Kardec, era também professora. Sabemos como ela colaborou na obra do marido e como, após o passamento deste, empenhou-se em honrar-lhe a memória. O casal não teve filhos. A Educação Espírita foi assim a sua única filha. Essa filha mimada, extremamente querida, esteve junto ao seu coração até o fim de sua existência. O Prof. Rivail serviu-se dela para educar e instruir o seu tempo, não só no tocante à França, mas a todo o mundo.

André Moreil, em sua *Vida e Obra de Allan Kardec*, mostra-nos que o Prof. Rivail não foi apenas discípulo de Pestalozzi, mas o continuador da obra educacional do mestre: "É interessante notar que a impressão das obras completas de Pestalozzi termina exatamente no ano em que Rivail publicou a sua primeira obra, em 1824. Esta coincidência vem provar que uma tocha foi passada de mão para mão. Rivail iria trabalhar durante trinta anos para a educação da juventude francesa, antes de se consagrar, nos seus últimos quinze anos, aos princípios do Espiritismo."

Poderiam perguntar por que motivo Kardec não nos deixou nenhuma obra específica de Educação Espírita. A resposta é evidente: porque ainda era cedo para isso e porque faltou-lhe tempo para se dedicar a assunto tão complexo. A codificação do Espiritismo, a Revista, as obras subsidiárias, os trabalhos de observação e pesquisa, a refutação incessante dos ataques feitos à doutrina consumiam-lhe o tempo. E os espíritos recomendavam-lhe a todo momento poupar energias, para não deixar de concluir a sua missão de implantar a nova doutrina entre os homens.

A obra pedagógica e didática do Prof. Rivail é enorme e foi adotada pela Universidade de França. Mas o Tratado de Pedagogia com que ele sonhara não pôde ser escrito. Sua missão espírita era demasiado absorvente e ele estava só, terrivelmente só. A esposa o auxiliava e havia muitos colaboradores sinceros, mas só ele percebia o alcance real

do Espiritismo. Assim, os grandes trabalhos não podiam ser feitos por mais ninguém. Mas se não conseguiu fazer o necessário no tocante à Educação Espírita, a verdade é que deixou a sua obra doutrinária impregnada do ideal educacional. O Espiritismo, diziam-lhe os Espíritos, tem por missão modificar o mundo inteiro. E Kardec afirmaria em *O Livro dos Espíritos*, de acordo com a sua orientação anterior de pedagogo: “A educação é a chave do progresso moral”.

Encarando o problema da evolução do mundo Kardec adverte em sua obra fundamental: “O Espírito só pode avançar gradualmente. Não pode transpor de um salto a distância que separa a barbárie da civilização” (perg. 271.). A importância da Educação Espírita ressalta deste trecho: “Encarnando-se com o fim de se aperfeiçoar, o Espírito é mais acessível na infância às impressões que recebe e que podem ajudar o seu adiantamento, para o qual devem contribuir os que estão encarregados da sua educação.” (perg. 383.)

A Educação Espírita aparece em Kardec também no seu aspecto transcendente. Não é apenas a educação do homem pelo homem. É também a educação ministrada pelos Espíritos Superiores. Que bela visão desse processo educativo ele nos oferece neste trecho: “A verdadeira doutrina espírita está no ensino dos Espíritos. Os conhecimentos que esse ensino encerra são demasiado sérios para ser adquiridos sem um estudo profundo e continuado, feito no silêncio e no recolhimento.”

O ensino espírita

O que Kardec entendia por estudo profundo e continuado não era apenas autodidatismo, segundo parece sugerir a expressão: **no silêncio e no recolhimento**. Alguns espíritas desavisados escudam-se nessa expressão para condenar os cursos doutrinários. E o fazem em nome do pedagogo e professor que passou a sua vida dando cursos e nos deixou, no Projeto de 1886, este conselho que é ao mesmo tempo uma advertência:

Um curso regular de Espiritismo seria dado com o fim de desenvolver os princípios da Ciência Espírita e propagar o gosto pelos estudos sérios. Esse curso terá a vantagem de criar a unidade de princípios, de obter adeptos esclarecidos, capazes de difundir as idéias espíritas e de desenvolver grande número de médiuns. Encaro este curso como capaz de exercer influência capital no futuro do Espiritismo e em suas consequências.

Hoje, mais do que nunca, diante da expansão do Espiritismo em nosso país e de sua repercussão no mundo, o problema do ensino espírita se acentua como necessidade imperiosa. O Espiritismo é uma ciência, como ensinava Kardec, da qual resultam naturalmente uma filosofia e uma religião. Seria possível a divulgação de uma doutrina assim complexa, que **toca em todos os ramos do saber**, segundo o próprio Kardec afirmou, sem a criação de cursos regulares, dados por professores competentes? Quem negar isso deve estar seriamente afetado por uma doença muito grave, que nos vem da idade da Pedra: a **alergia à cultura**.

O Prof. Ramy Chauvin, da Escola de Altos Estudos de Paris, declarou há pouco tempo que existe entre os cientistas uma doença semelhante, e que deu o nome de **alergia ao futuro**. No meio espírita constatamos hoje a existência, em forma aguda e até mesmo delirante, de uma conjugação dessas duas formas de alergia. Os espíritas anti-culturais não querem os cursos (alergia à cultura) porque temem as modificações saltares que eles produzirão na rotina das igrejinhas espiritóides (alergia ao futuro). Querem continuar dormindo nas suas ilusões, balançando-se na rede de suas idéias fragmentárias e seus conhecimentos superficiais da Doutrina Espírita. Podem escrever muito e falar demais, mas basta um ligeiro exame das suas idéias para que a doença grave se revele na análise.

O ensino espírita, como todo e qualquer ensino, requer sistematização escolar. A fase **sem escolas** da Educação Espírita, como a de qualquer outra forma educacional, pertence aos primórdios do movi-

mento espírita. E isso não se precisa demonstrar por argumentos, pois os fatos o estão demonstrando aos nossos olhos. Onde os fatos falam por si mesmos os argumentos ficam sobrando. A rede escolar espírita é hoje uma realidade concreta e se estende desde o grau mínimo ao grau máximo do ensino, desde o pré-primário até o universitário.

Além dessa propagação, que vai num crescendo irreversível, da escola espírita em todos os graus de ensino, temos os cursos de preparação doutrinária nas Federações, nos Centros, nos Grupos, nos Hospitais e assim por diante. Temos ainda os Institutos de Cultura Espírita, que realizam cursos regulares e estão se multiplicando pelo país. A escola espírita não é mais um sonho, uma hipótese, uma utopia — é uma realidade concreta, social e cultural, que avança para um futuro esplendente.

Alguns observadores menos avisados (seria bom que estivessem avisados da inutilidade da luta contra o progresso) estranham o que chamam de mistura de matérias escolares com princípios espíritas. Esse é mais um grave sintoma de misonéismo. Revelam assim uma concepção muito estreita do Espiritismo, esquecendo-se de que o próprio Kardec afirmou em *A Gênese*, respondendo aos que perguntavam porque o Espiritismo veio tão tarde, que isso aconteceu porque ele toca em todos os ramos da Ciências e era preciso que estas se desenvolvessem para que ele surgisse.

A tragédia espírita tem sido essa, desde o tempo do Codificador. Há sempre em nosso meio um certo número de pessoas ilustradas que se revelam incapazes de abranger no seu entendimento as dimensões da doutrina. Empacaram no meio do caminho e não querem avançar nem permitir que os outros avancem. Talvez seja um fenômeno de apego afetivo, com fundas raízes no egoísmo. Querem o Espiritismo somente para elas ou para um reduzido número de eleitos entre os quais figuram. Mas desde que Eurípedes Barsanulfo fundou e dirigiu, com admirável proveito, o Colégio Allan Kardec em Sacramento, lá pelos idos de 1909, ninguém mais

conseguiu nem conseguirá deter a marcha da escola espírita. Porque ela corresponde a uma necessidade vital desta fase de transição da vida terrena. É uma exigência da evolução da Humanidade, do progresso da Terra.

Por isso mesmo a Educação é hoje o tema mais importante da atualidade doutrinária. Todos querem progredir, esclarecer-se, orientar seus filhos. E todos sentem, todos sabem que a escola espírita é a única realmente capaz de preparar as novas gerações para a nova era que está surgindo. Só os alérgicos resmungam contra essa maravilhosa vitória do Espiritismo no mundo, contra essa manifestação incontrolável do poder das idéias espíritas — que tudo arrastam em direção ao futuro. Felizes as novas gerações brasileiras, que dentro em breve poderão formar-se inteiramente nas escolas espíritas, recebendo a educação integral que só elas podem dar, — sem as deturpações dogmáticas do sectarismo religioso e sem as deformações pretenciosas do academismo materialista.

Neste Natal devemos agradecer a Jesus a concessão que nos fez, permitindo ao Brasil a graça de ser o país pioneiro da Educação Espírita na Terra. A Argentina já nos acompanha com entusiasmo. No Congresso de Mar Del Prata, no ano passado, o tema central de estudos e debates foi a Educação Espírita, que empolgou as delegações da Confederação Espírita Panamericana, revelando a unidade continental dos espíritas a respeito. O Congresso, num dos itens das suas conclusões, reconheceu a existência da Educação Espírita em forma institucionalizada. Esse reconhecimento foi feito em face da situação escolar espírita no Brasil e graças à revista **Educação Espírita**, que leva hoje para o mundo a boa nova das nossas realizações educacionais.

Testemunho de Kardec

Kardec não foi apenas o iniciador da Educação Espírita. Foi também a primeira testemunha da eficácia dessa nova forma de educar. Na **Revista**

Espírita de Fevereiro de 1864, no editorial intitulado **Primeiras lições de moral na infância** (página 37 da edição brasileira) analisa com exemplos algumas contribuições do Espiritismo para modificar a educação vigente. E afirma: “Ele já prova a sua eficácia pela maneira mais racional por que são educadas as crianças nas famílias verdadeiramente espíritas.”

Esse testemunho de Kardec é dos mais significativos por mostrar como toda forma nova de educação é inerente a uma nova concepção do mundo. Esse é um princípio pacífico em filosofia educacional, mas os leigos no assunto não o conhecem. Por isso, muitas pessoas que falam e escrevem no meio espírita, podendo ser ilustradas em outros setores, chegam a estranhar que se fale em educação espírita, coisa que lhes parece estranha e descabida. Um pouco de observação lhes mostraria que, sendo a educação o meio de transmissão da cultura, toda alteração fundamental no conhecimento, no saber, terá forçosamente de repercutir na educação.

Por outro lado, esse testemunho de Kardec nos mostra que a Educação Espírita começou bem cedo, na forma tradicional de educação familiar. Nas famílias espíritas da França de então as crianças já eram iniciadas na maneira nova de ver o mundo que o Espiritismo oferece. O pedagogo e o educador que era Kardec não podia deixar de observar esse fato com alegria. Porque esse fato confirmava, ao mesmo tempo, o valor e a legitimidade da Filosofia Espírita — pois toda Filosofia, como nos ensinam os mestres, desemboca fatalmente numa Moral, que por sua vez exige uma Educação para transmitir-se às novas gerações.

Formação do novo homem

A tarefa da Educação Espírita é a formação de um homem novo. A Educação Clássica greco-romana formou o **cidadão**, o homem vinculado à cidade e suas leis, servidor do Império; a Educação Medieval formou o **cristão**, o homem submisso a

Cristo e sujeito à Igreja, à autoridade desta e aos regulamentos eclesiásticos; a Educação Renascentista formou o **gentil-homem**, sujeito às etiquetas e normas sociais, apegado à cultura mundana; a Educação Moderna formou o **homem esclarecido**, amante das Ciências e das Artes, cético em matéria religiosa, vagamente deísta em fase de transição para o materialismo; a Educação Nova formou o **homem psicológico** do nosso tempo, ansioso por se libertar das angústias e traumas psíquicos do passado, substituindo o confessorário pelo consultório psiquiátrico e psicanalítico, reduzindo a religião a mera convenção pragmática.

Nesse rápido esquema temos uma visão do desenvolvimento do processo educacional e de suas consequências. Não pretendemos que seja uma visão perfeita e completa. É apenas um esboço destinado a nos orientar na compreensão do assunto. E vemos que ele pode nos dar uma idéia negativa da Educação, mas se refletirmos a respeito veremos o contrário. Do homem submisso ao Estado ou a Deus, preso a leis, regras e convenções que o amoldam e desfiguram, avançamos para o homem livre do futuro, responsável por si mesmo, que chega a se revoltar contra o próprio Deus no seu profundo anseio de liberdade, mas sempre em busca da sua afirmação como Ser.

Essa afirmação é a que nos traz o Espiritismo com as provas científicas da sobrevivência e a perspectiva da imortalidade, com a desmitização da morte, com a racionalização do nebuloso conceito de Deus e de suas relações com o homem, com o esclarecimento decisivo do destino do homem e da razão de ser da vida e suas peripécias. Cabe, portanto, à Educação Espírita formar o **homem consciente** do futuro, que já começa a aparecer na Terra, senhor de si, responsável direto e único pelos seus atos, mas ao mesmo tempo reverente a Deus, no qual reconhece a **Inteligência suprema do Universo**, **causa primária de todas as coisas**.

Não é mais possível educar as gerações novas segundo nenhum dos tipos anteriores de Educação.

Daí a rebeldia que vemos nas escolas, a inquietação da juventude, insatisfeita com a ordem social e cultural, ambas obsoletas, em que se encontram. A Educação Espírita se impõe como exigência dos tempos. Só ela poderá orientar os espíritos para a formação do homem novo, consciente de sua natureza e de seu destino, bem como de pertencer à Humanidade Cósmica e não aos exíguos limites da humanidade terrena. Só ela pode nos dar, nesse homem novo, a síntese de todas as fases da evolução anterior, numa formulação superior. Porque o **homem espírita** — ou o **homem consciente** — que essa nova Educação nos dará, será ao mesmo tempo o **cidadão**, o **cristão**, o **gentil-homem**, o **homem esclarecido** e o **homem psicológico**, mas na conjugação de todos esses elementos numa dimensão espiritual e cósmica.

Com isso não queremos dizer que toda a Humanidade se converta ao Espiritismo, mas tão somente que os princípios fundamentais do Espiritismo serão as coordenadas do futuro, marcando o âmbito conceptual e ético da nova formação educacional. Não foi necessário que toda a Humanidade se convertesse ao Cristianismo para que os princípios deste remodelassem o mundo. O mesmo acontecerá com o Espiritismo. A função da Educação Espírita é portanto a de abrir perspectivas novas ao processo educacional, adaptando-o às necessidades novas que surgiram com o desenvolvimento cultural e espiritual do homem. As escolas espíritas — como as escolas cristãs o fizeram — serão os centros dinamizadores da renovação. E a Pedagogia Espírita — como o fez a Pedagogia Cristã — orientará a nova concepção educacional que está nascendo em nossos dias.

Por outro lado, correntes avançadas da Pedagogia Contemporânea, como especialmente a do néo-kantismo, representada por Kerchensteiner na Alemanha e René Hubert na França, darão sua contribuição para o desenvolvimento dessa profunda revolução educacional em marcha. Seria bom, por sinal, que os educadores espíritas procurassem

aprofundar-se no estudo do **Traité de Pédagogie Générale**, de Hubert, que nos parece um verdadeiro monumento de renovação educacional dentro das coordenadas espíritas.

Como vemos, o nascimento da Educação Espírita ainda não se completou. Começando com Kardec, há mais de um século, ainda está se processando em nossos dias. Por isso mesmo, somos todos convocados a participar desse acontecimento espiritual, contribuindo cada qual da maneira que puder para que ele se complete o quanto antes.

A PEDAGOGIA DE JESUS

J. AMARAL SIMONETTI

(G. E. Pedagógicos — S. Paulo).

O pensamento pedagógico, orientador dos processos educacionais superiores, resulta da reflexão sobre os problemas da educação. Jesus não era um educador no sentido comum da palavra. Não possuía, como homem, nenhuma experiência educativa. Sua profissão era a do pai, segundo a tradição familiar: carpinteiro. Deixando de lado os problemas referentes à sua origem e natureza divinas e encarando humanamente os fatos poderíamos falar numa Pedagogia de Jesus?

A História nos mostra o aparecimento de gênios que superaram por si mesmos as deficiências de sua formação cultural e deram lições aos mestres qualificados. Esse é um capítulo que constitui verdadeiro mistério da Ontogênese, a ciência que trata da formação dos seres. Mas no Espiritismo o problema se esclarece facilmente com a lei da reencarnação. Esta lei nos explica que os espíritos se encarnam em diferentes graus de evolução, o que por sua vez explica as vocações que superam o meio cultural em que nascem certas criaturas e consequentemente resolve o problema da genialidade.

O que revela a existência de um pensamento pedagógico na orientação educacional dada por um mestre não são os seus títulos, são as coordenadas e a estrutura do seu ensino. Toda pedagogia se

funda numa filosofia. No caso de Jesus a filosofia básica é a dos Evangelhos. Essa filosofia, que é a própria essência do Cristianismo, fornece a Jesus as diretrizes do seu ensino. E da análise dessas diretrizes resulta o reconhecimento, já largamente efetuado no plano pedagógico, de uma verdadeira Pedagogia de Jesus.

Francisco Arroyo, em sua monumental "História Geral da Pedagogia", sustenta o seguinte: "Com o Cristianismo aparece um novo tipo histórico de educação. — Jesus é o modelo perfeito do mestre cristão. Clemente de Alexandria chama-o de Pedagogo da Humanidade." O mesmo autor nos fornece esta breve mas expressiva lista de obras a respeito: "Cristo como mestre e educador, de S. Raue, Berlim, 1902; "Didática de Cristo", Metzler, publicado em Kempton, 1908; "Jesus, educador de seus apóstolos", G. Delbrel, Paris, 1916."

Os historiadores da Educação e da Pedagogia, entre os quais Monroe, Hubert, Luzuriaga, Marrou, Riboulet, Messer, Bonatelli, todos reconhecem a existência de uma Pedagogia de Jesus que deu origem às várias formas da Pedagogia Cristã, nascida, como nota Arroyo, entre as formas pedagógicas da **Humanitas** latina e da **Paidéia** grega.. Não se trata, pois, de uma novidade ou de um problema controverso, mas de assunto pacífico no campo pedagógico.

Fundamentos pedagógicos.

Os fundamentos pedagógicos do ensino de Jesus estão na sua concepção do mundo, abrangendo o homem e a vida. Essa cosmovisão se opõe à concepção pagã e à concepção judaica. Jesus, assim, não é apenas em reformador religioso, mas um filósofo na plena acepção da palavra. Ele modifica a visão antiga do mundo e essa modificação atinge a todas as filosofias do tempo, não obstante os pontos de concordância existentes com várias delas. Bastaria isso para nos mostrar, à luz da Ciência da Educação, a legitimidade da tese que inclui Jesus entre os grandes educadores e pedagogos, colocan-

do-o mesmo à frente de todos. Não se trata de uma posição religiosa, mas de uma constatação científica.

A comparação entre a idéia de Deus do Velho Testamento e a idéia de Deus do Novo Testamento mostra-nos a diferença entre o mundo judeu e o mundo cristão. O Deus de Jesus é o pai de todas as criaturas, sem distinção de raças ou posições sociais. Essa paternidade universal determina a fraternidade universal. O Deus-Pai do Evangelho não é vingativo nem irado, não comanda exércitos para destruir povos e nações, mas ama a todos os seus filhos, quer a salvação de todos e a todos concede o seu perdão generoso. Como diria Paulo mais tarde, o tempo da lei e da força fôra substituído pelo tempo da graça e do amor.

Os deuses olímpicos, cheios de paixões humanas, e os deuses brutais dos fenícios e dos babilônios, os deuses monstruosos dos egípcios, dos indianos e dos chineses são substituídos pelo Deus-amor e paternal do Evangelho. O próprio Jeová irascível dos judeus, ciumento e vingativo, perde o seu poder sobre o mundo. Os pobres, os doentes, os sofreadores, os escravos deixam de ser os condenados dos deuses e passam à categoria de bem-aventurados. A virtude não está mais na bravura e no heroísmo sangrento de gregos e romanos, mas na paciência e no perdão. Dar é melhor do que conquistar, humilhar-se é melhor do que vangloriar-se, responder ao mal com o bem é a regra da verdadeira pureza espiritual. Os mortos não estão mortos, nem mergulhados nas entranhas da terra à espera do juízo final, mas estão mais vivos que os vivos.

Da velha lei judaica não é modificado um só ponto referente ao bom procedimento do homem da Terra, mas tudo o mais é substituído pelo contrário. O culto a Deus é virado pelo avesso: nada mais de sacrifícios materiais, de rituais simbólicos, de privilégios sacerdotais. O único sacrifício é o das más paixões, do orgulho, da arrogância, da cupidez. A vaidade e a ambição devem dar lugar

à humildade e à renúncia. A ignomínia da cruz transforma-se em santificação. As pitonisas e os oráculos são substituídos pelas manifestações mediúnicas das reuniões evangélicas, como vemos em Paulo, I Coríntios.

O objetivo da vida humana não é mais a conquista do céu pela violência, mas a implantação do Reino de Deus na Terra. As riquezas e o poder não são coisas desejáveis e invejáveis, mas fascinações perigosas que podem levar a criatura humana à perdição. As crianças não são desprezíveis, mas as preferidas de Deus, e para nos tornarmos dignos d'Ele temos de nos fazer crianças. Matar os pequeninos, os inocentes, os indefesos não é prova de valentia e de coragem, mas crime aos olhos de Deus.

Não se consegue a salvação pela obediência à lei e pelos rituais do culto (as obras da lei), mas pelo aperfeiçoamento do espírito, pela purificação do coração, pela educação integral da criatura. Por isso é preciso nascer de novo — não em forma simbólica, mas naquele sentido que Nicodemos não podia compreender: nascer da água e do espírito (a água era o símbolo da matéria, do poder fecundante e gerador), nascer para se redimir, não da desobediência de Adão e Eva, mas dos seus próprios erros, como aconteceu ao cego de Jericó, como sucedera a Elias reencarnado em João Batista.

A pedagogia da esperança

Desses princípios fundamentais resultava logicamente a Pedagogia da Esperança. A educação não era mais o ajustamento do ser aos moldes ditados pelos rabinos do Templo, a imposição de fora para dentro da moral farisaica, mas o despertar das criaturas para Deus através dos estímulos da palavra e do exemplo. A salvação pela graça não era um privilégio de alguns, mas o direito de todos. Jesus ensinava e exemplificava e seus discípulos faziam o mesmo. Chamava as crianças a si para abençoá-las e despertar-lhes, com palavras de amor, os

sentimentos mais puros. Nem os apóstolos entenderam aquela atitude estranha: um rabi cheio da sabedoria da Torá perder tempo com as crianças ao invés de ensinar coisas graves aos homens. Mas Jesus lhes disse: “Deixai vir a mim os pequeninos, porque deles é o Reino dos Céus.”

Sua condição de mestre é afirmada por ele mesmo: “Vós me chamais mestre e senhor, e dizeis bem, porque eu o sou.” Sim, ele é o mestre do Mundo, o senhor dos homens, de todos os homens, sem qualquer distinção. Cada criatura humana é para ele um educando, um aluno, como escreveu o Dr. Sérgio Valle: “matriculado na Escoda da Terra”. Assim, a Terra não é mais o paraíso dos privilegiados e o inferno dos condenados. É a grande escola em que todos aprendemos, em que todos nos educamos. A Pedagogia da Esperança oferece a todos a oportunidade de salvação, **porque a salvação está na educação.**

Vejamos este expressivo trecho de Francisco Arroyo em sua “História Geral da Pedagogia:

“Jesus possui todas as qualidades do educador perfeito. Os recursos pedagógicos de que se serve conduzem o educando, com feliz e profunda alegria, à verdade essencial dos seus ensinamentos. Por isso pôde sacudir e despertar a consciência adormecida do seu próprio povo, asfixiado sob o peso excessivo da lei mosaica e da política imperialista da época.”

“Os ensinamentos de Jesus são sempre adaptados aos ouvintes. Ele pronuncia as suas palavras de forma compreensível para todos, sempre nas ocasiões mais oportunas. Recorre frequentemente às imagens e parábolas, dando maior plasticidade às suas idéias.”

“A Pedagogia do Mestre é também gradual. Não cai jamais em precipitações que possam fazer malograr o aprendizado. Semeia e espera que as sementes germinem e frutifiquem: **Tenho ainda muito a vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora.**”

“Como todo educador genial, Jesus emprega em alto grau a arte de interrogar, de expor, de

excitar o interesse dos discípulos. Seus colóquios decorrem sempre num ambiente de incomparável simpatia. E' digno, severo, paciente, segundo as circunstâncias e os interlocutores."

"Os seus ensinamentos são claros e intuitivos. Cria figuras literárias e busca exemplos da vida cotidiana para esclarecer o seu pensamento. Aperfeiçoou a forma da parábola e revestiu-a de incomparável esplendor." (Riboulet.)"

"Seus ensinamentos têm um toque de autoridade (Eu sou o caminho, a verdade e a vida, todo o poder me foi concedido.) Mas exerce com suavidade a sua autoridade. Responde com bondade aos contraditores de boa fé e com energia aos que querem combatê-lo."

A revolução pedagógica

Este quadro da didática de Jesus (aplicação da sua pedagogia) mostra-nos as raízes da revolução pedagógica do Cristianismo. Costuma-se dizer, e com razão, que Rousseau produziu uma **revolução copérnica** na educação. Mas a seiva de toda a Pedagogia de Rousseau foi bebida na Pedagogia de Jesus. O "Emilio" começa por esta frase: "Tudo está certo ao sair das mãos do Criador." Os homens, para Rousseau, nascem bons e puros, pois Deus é bondade e pureza. Mas ao entrarem nas relações sociais do mundo sofrem a queda na maldade e na impureza. É o dogma judeu da queda de Adão e Eva racionalizado numa interpretação cristã. Para Jesus a criança é pura e boa, mas o contato com os homens vai deformá-la e os homens precisam voltar a ser crianças para entrar no Céu.

A descoberta copérnica da psicologia infantil por Rousseau corresponde à diferença estabelecida por Jesus entre a criança e o homem. O respeito de Rousseau pelo desenvolvimento natural e gradual da criança, que não deve ser perturbado por exigências prematuras do ensino, equivale à condenação de Jesus para todos aqueles que violentarem "um desses pequeninos". A educação

natural de Rousseau, seguindo a graduação necessária do desenvolvimento psicológico e orgânico, lembra o respeito de Jesus pelas condições evolutivas do homem nos seus vários estágios, guardando os ensinamentos mais profundos para mais tarde. É o que Arroyo chama "o método agógico da Pedagogia de Jesus".

Uma comparação mais rigorosa e pormenorizada provaria de sobejo que é Jesus o pai e o verdadeiro inspirador da Pedagogia Moderna. Houve naturalmente o interregno do medievalismo, quando as interpretações errôneas do Cristianismo e as infiltrações de idéias judaicas e pagãs na escola cristã a deformaram. Mas essa fase já havia sido prevista pelo Mestre e esse fenômeno confirma o seu respeito pelas leis naturais da evolução humana. A parábola do grão de trigo, ensino dialético do processo histórico, é suficiente para demonstrar isso. A parábola do fermento que leveda a farinha é outra confirmação.

E dessas duas parábolas, reforçadas pela promessa do Espírito da Verdade, que seria enviado ao mundo para restabelecer os seus ensinamentos, ressalta que a Pedagogia Espírita é a própria ressurreição, no tempo devido e previsto no Evangelho, da Pedagogia de Jesus. A Educação Espírita é a Educação Cristã que renasce em espírito e verdade.

A DIDÁTICA DE KARDEC

J. HERCULANO PIRES

A Didática é hoje entendida como a arte de ensinar. Houve tempo em que se fazia confusão entre Pedagogia e Didática. Foi Comenius, no século XVIII, o responsável principal por essa confusão, quando publicou sua **Didática Magna**, que abrangia todo o seu pensamento pedagógico. Do século XIX ao XX, porém, o termo se definiu nos seus devidos limites, como exige a linguagem científica. Para melhor compreendermos essa palavra, que é de origem grega, devemos ir às suas raízes. Arroyo nos ensina: "...em grego, ensinar e instruir se diz *didascoo*, *didáscalos* é o mestre, *didaxis* a lição."

André Moreil, em sua **Vida e Obra de Allan Kardec**, lembra alguns trechos da apresentação do **Plano para a melhoria da Educação Pública**, que o Prof. Denizard Rivail submeteu ao Parlamento em 1828. Destacamos os seguintes trechos: "Os planos apropriados para educar a juventude constituem uma ciência bem definida, que se deveria estudar para ser professor, da mesma forma que se estuda Medicina para ser médico." Depois, explicando as condições necessárias ao bom desenvolvimento do ensino, conclui: "E' este um ponto muito importante, que me proponho a desenvolver numa obra completa sobre a Pedagogia."

Moreil lamenta: "Não chegou infelizmente a escrever essa obra. Allan Kardec, nos seus pri-

meiros trinta anos de atividades pedagógicas, foi obrigado a viver no dia a dia, a esforçar-se para ganhar o pão cotidiano e sobretudo a empenhar-se na aplicação das suas teses pedagógicas. Mais tarde, o Espiritismo ocupou-lhe o tempo integral.”

Isso nos mostra que Kardec não escreveu a sua **Pedagogia** por ter de se dedicar integralmente às pesquisas espíritas e à Codificação do Espiritismo. Mas se não pôde realizar o seu sonho pedagógico, por outro lado encontrou no Espiritismo um vasto campo para a aplicação da sua Didática. E’ o que vemos em toda a sua obra espírita, desde **O Livro dos Espíritos** até os livros subsidiários ou de introdução à doutrina, bem como nos valiosos fascículos correspondentes a quase doze anos de seu trabalho pessoal na redação da **Revista Espírita**, obra imensa, que justamente considerou como sendo os anais do Espiritismo e indispensável ao estudo doutrinário.

Assim, embora não tenhamos hoje uma **Pedagogia** do mestre, temos a Didática do grande professor de Espiritismo, como foi chamado na época. Essa didática ressalta de todo o seu trabalho e podemos ver, em relação com alguns tópicos de suas obras publicadas anteriormente e admitidas pela Universidade de França, que o seu método de ensino seguiu no Espiritismo a mesma orientação e as mesmas normas do seu tempo de professor e diretor de Instituto daquela Universidade.

A Didática Naturalista

Jesus criou a Didática Naturalista, que se funda nas leis naturais e delas se serve para o ensino espontâneo. Todas as suas lições eram dadas em termos comparativos, sem artificios, com simplicidade e naturalidade. Sua própria teologia não escapava a essa regra. Deus não era uma entidade mitológica, distanciada do homem, mas o pai dos homens, semelhante a todos os pais, vivendo no coração dos filhos e dialogando com eles no íntimo de cada um. “Não está escrito, dizia ele, vós sois

deuses?" Quando fazia um milagre, ou seja, quando produzia, pelo poder natural do seu espírito, um fenômeno hoje chamado paranormal, explicava aos discípulos que eles podiam fazer o mesmo e até mais do que ele fizera.

O sobrenatural do Cristianismo não provém de Jesus, mas dos homens da mentalidade mitológica dos que não o puderam compreender e o transformaram em mito. Vejamos esta "heresia" de Paulo em 1 Coríntios, 15:16 — "...se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou." A morte e a ressurreição de Jesus eram fatos naturais, que ocorrem com todos os homens. O próprio Jesus diria à Madalena, depois da ressurreição: "Ainda não fui para meu pai e vosso pai." A categoria do **natural** era o fundamento de todo o ensino de Jesus e portanto de toda a sua didática.

Essa categoria filosófica do Cristianismo desapareceu na Idade Média, no milênio sombrio em que a verdade cristã se misturou e confundiu com os erros e os enganos do paganismo e do judaísmo. Mas no Renascimento a categoria cristã do natural ressurgue das cinzas. E pedagógicamente é com Rousseau que ele vai-se impor novamente ao mundo. O naturalismo deísta de Rousseau é um rebento da seiva cristã. E esse rebento vai se desenvolver no pensamento de grandes pedagogos do futuro. O maior deles será Pestalozzi, o herói e mártir da Pedagogia Filantrópica, que significativamente será o mestre e o pai espiritual de Allan Kardec.

A Pedagogia Filantrópica é o ensino a serviço da caridade e sua didática é a do amor. A Pedagogia de Jesus e sua didática renascem com Pestalozzi, que as transmite a Kardec. "Uma tocha passa de mão a mão", como diria Moreil, em nossos dias. Mas a caridade não é uma graça sobrenatural, é antes a virtude humana da fraternidade, sob a paternidade natural de Deus. Vemos todos os elementos da categoria cristã do **natural** restabelecidos nesse episódio histórico e pedagógico para assinalar os tempos novos como a era do Consolador. Por isso a didática de Kardec seguirá a mesma linha

naturalista da didática de Jesus, empregando a linguagem da simplicidade e os métodos naturais da razão e da intuição.

Vejamos como Kardec descreveu o método do professor discípulo de Pestalozzi: "Toma a criança ac sair das mãos da Natureza para acompanhá-la em seu desenvolvimento. Considera como se desenvolvem as suas idéias, estuda as suas necessidades e as suas faculdades. Depois de numerosas observações estabelece um método que consiste essencialmente em aproveitar as faculdades que a criança recebeu da Natureza, a fim de proporcionar-lhe um raciocínio sadio e acostumá-la a pôr em ordem as suas idéias. O professor procura desenvolver na criança o espírito de observação e a memória, porque a criança nasce observadora e o seu espírito de curiosidade e de análise precisa apenas de uma ajuda mínima. Basta ao professor ser ao mesmo tempo amável e severo."

Kardec resume os seis princípios fundamentais do sistema pestalozziano, que empregava em suas obras didáticas e empregará a seguir no ensino espírita:

- 1) Cultivar o espírito natural de observação do educando, chamando-lhe a atenção para os objetos que o rodeiam.
- 2) Cultivar-lhe a inteligência, seguindo a marcha que possibilite ao aluno descobrir as regras por si próprio.
- 3) Partir sempre do conhecido para o desconhecido, do simples para o composto.
- 4) Evitar toda atitude mecânica, fazendo o aluno compreender o alvo e a razão de tudo o que faz.
- 5) Fazê-lo apalpar com os dedos e com a vista todas as realidades.
- 6) Confiar à memória somente aquilo que já foi captado pela inteligência.

Todos esses dados se encontram na introdução de seu **Curso Prático de Arimética**. Moreil comen-

ta: “Os princípios 3 e 5 parecem ter sido aproveitados palavra por palavra para a elaboração de **O Livro dos Médiuns**, o que prova a importância extraordinária da fase de Yverdun na vida do futuro fundador do Espiritismo.” E cita esta observação de Henri Sausse, amigo, companheiro e primeiro biógrafo de Kardec: “Foi nessa escola que se desenvolveram as idéias que deviam torná-lo um observador atento e metuculoso, um pensador prudente e profundo.”

Observação e ensino

Podemos ver em todas as obras de Kardec a constante sucessão de dois elementos dinâmicos da sua didática: a observação e o ensino. Por isso ele definiu o Espiritismo como “ciência de observação e doutrina filosófica”. A observação implicava a experimentação, pois sem esta não se completaria. Uma vez observados os fatos de maneira rigorosa e submetidos à comprovação da experiência, esses fatos passavam do conhecido (a realidade palpável e verificável) para o campo do desconhecido (a explicação do mistério) com a revelação de suas leis e sua natureza, passando a constituir elementos de uma filosofia “desprovida do espírito de sistema”. Esta necessidade de liberdade para o pensamento, que não devia prender-se às exigências de uma lógica artificial, à moda das formulações filosóficas em voga, colocaria a Filosofia Espírita na vanguarda do movimento filosófico da época.

Os “prejuízos do espírito de sistema”, segundo vemos em **O Livro dos Espíritos**, lhe foram revelados pelos próprios espíritos em significativa mensagem. Mas essa revelação correspondia precisamente à posição de observador que Kardec assumira. Sem nenhuma intenção preconcebida, sem forçar as conclusões para não distorcer a verdade procurada, Kardec submetia as suas observações a rigorosa análise. Guardava-se ao mesmo tempo do preconceito e da precipitação, como ensinara Descartes, seu precursor na observação livre, na pesquisa de-

sinteressada e nas relações mediúnicas com o Espírito da Verdade.

Vejamos nas suas próprias palavras como ele procedia no trato dos fenômenos paranormais. Os trechos seguintes pertencem à **Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita** que abre **O Livro dos Espíritos**: e referem-se à sua observação dos curiosos fenômenos de movimentos de objetos sem contato:

O movimento circular nada tinha de extraordinário, pois pertence à Natureza. Todos os astros se movem circularmente. Poderíamos estar em face de um pequeno reflexo do movimento geral do Universo, ou, melhor dito, uma causa até então desconhecida poderia produzir acidentalmente, nos pequenos objetos e em dadas circunstâncias, uma corrente análoga à que impulsiona os mundos.

Mas o movimento não era sempre circular. Frequentemente era brusco, desordenado, sendo o objeto violentamente sacudido, derrubado, levado numa direção qualquer e, contrariamente a todas as leis da estática, suspenso ou mantido no espaço. Não obstante, nada havia ainda nesses fatos que não pudesse ser explicado pelo poder de um agente físico invisível. Não vemos a eletricidade derrubar edifícios, arrancar árvores, lançar à distancia os corpos mais pesados, atrai-los ou repeli-los?

Essa ponderação, essa frieza racional, essa lucidez mental livravam o seu espírito de qualquer arrebatamento místico. O próprio Richet reconheceria, no seu **Tratado de Metapsíquica**, na crítica feita a Kardec, a vocação do mestre para a observação rigorosa e a experimentação científica. A sua aceitação da hipótese de participação de espíritos nos fenômenos chega lentamente, numa batalha consciente da razão com a intuição. E a sua convicção espírita se forma na comprovação metódica da presença de inteligências invisíveis agindo sobre a matéria. Assim, Kardec realiza, com antecipação de mais de um século, e praticamente sozinho, a façanha científica das equipes de pesquisadores da Parapsicologia, que hoje ainda se aturdem com a realidade espiritual que lhes queima as mãos em todo o mundo, inclusive na área soviética materialista.

E só depois de convicto, sòlidamente firmado em milhares de provas indestrutíveis, resolve servir-se da sua didática naturalista para ensinar ao mundo assombrado e indignado os princípios da nova ciência. Mas então nada mais o deterá. Nem os anátemas do clero, nem as críticas dos cientistas, nem as diatribes da imprensa, nem o riso da ignorância ilustrada. O professor ensina e o mundo aprende. Uma nova ciência surgiu, uma nova era está nascendo, a Educação Integral de Jesus ressuscitou e a sua didática naturalista afugenta as últimas sombras do mistério e do sobrenatural. A Educação Cristã se restabelece na Escola da Terra, livre dos prejuízos do espírito de sistema, no corpo espiritual (que os cientistas chamam hoje de corpo bioplástico) da Educação Espírita.

CURSILHOS DE ESPIRITISMO

(Editorial)

O Sr. Luciano dos Anjos, em longo artigo publicado na revista "Reformador", da FEB, edição de Outubro último, acusa as Escolas de Espiritismo, cuja organização foi proposta em tese do Prof. Herculano Pires, aprovada em congresso doutrinário e publicada na primeira edição desta revista, de serem uma espécie de "Cursilhos de Espiritismo".

Para chegar a essa acusação faz várias digressões e sustenta, baseado em suas experiências pessoais, como professor, que "ninguém ensina a ninguém como ensinar". Indo um pouco além, declara: "O ensino é inoperante ou prejudicial." Diante disso, faz a apologia do autodidatismo e prevê para o futuro "a supressão do ensino, porque as pessoas passariam a fazer reuniões para aprender em grupos."

Trata-se de opinião muito pessoal, que resulta de experiência pessoalíssima. Como não temos nada a ver com o fracasso pessoal do Sr. Luciano dos Anjos nesse terreno, limitamo-nos a registrar a sua opinião como curiosa. Essa profecia nega toda a experiência educacional realizada até hoje no mundo e ameaça a civilização de uma volta ao primitivismo. Mas os dons proféticos do articulista não parecem ter sido provados em nenhuma ocasião anterior, de maneira que não temos muito a temer.

No tocante às escolas e cursos de Espiritismo, o que apavora o Sr. Luciano é que, com eles, "se escolariza o Espiritismo". Isso lhe parece desas-

troso porque, como vimos acima, as escolas não servem para nada. Mas se ele não admite a validade do ensino, como admitir que o Espiritismo é ensinado desde Kardec e muita gente o aprendeu? Certamente há professores mais felizes do que ele e não seria justo impedir que esses professores pudessem ensinar melhor e com mais proveito em cursos regulares, devidamente organizados.

Na sua ojeriza pelas escolas e cursos o articulista chega a chamar de ridícula a proposta da criação de Escolas de Espiritismo de tipo superior, sem perceber que, com isso, nega a própria validade da Doutrina Espírita como elemento cultural. E' preciso desconhecer todo o processo do Conhecimento para se fazer uma afirmação dessa natureza. Talvez por isso o Sr. Luciano dos Anjos não deu para professor. Uma volta à escola, como certa vez um professor paulista aconselhou ao Padre Quevedo, poderia sanar a sua frustração.

Há duas coisas que apavoram o articulista da FEB. Primeiro, o fato de as escolas e os cursos terem de dar diplomas aos que completarem o currículo de estudos. Outra, a necessidade de pagamento dos professores para que se tenha uma escola de nível superior. Esses dois problemas foram atentamente analisados na tese, que por certo o Sr. Luciano não teve tempo de ler, pois pela extensão quilométrica dos seus artigos parece gastá-lo mais em escrever. Mas gostaríamos de lembrar-lhe que os títulos são apenas atestados de habilitação e que, segundo o próprio Evangelho, digno é o trabalhador do seu salário. Um ensino regular e sério, de matéria complexa e grave, não pode ser dado por diletantes.

Misologia e farisaísmo

Há no movimento espírita uma faixa de adeptos que sofrem de misologia e farisaísmo em mistura. A misologia é o horror à cultura e o farisaísmo é a santidade hipócrita. O articulista da FEB se coloca na posição de líder dessa corrente. Torna-se assim o teórico da batalha sorrateira contra o

desenvolvimento da cultura espírita. A semelhança dos antigos rabinos do Templo de Jerusalém, esmiuça as escrituras em busca de interpretações especiosas. É o caso das suspeitas levantadas contra "Obras Póstumas". Suspeitas infundadas e absurdas, pois, para começar, vários materiais desse livro já haviam sido publicados por Kardec na "Revista Espírita". Além disso, o livro foi organizado por seus amigos, companheiros e colaboradores, sob as vistas de sua própria viúva. E nada há nesse livro que contradiga em nada o pensamento do mestre. Como e porque ele pode ser suspeito?

Estranha o Sr. Luciano dos Anjos que misturemos, nos cursos de Espiritismo, matérias pertencentes às escolas leigas. Isso é desconhecer a própria natureza da Doutrina Espírita, que se relaciona, como afirmaram Kardec e seus mais ilustres sucessores, com todos os ramos do Conhecimento. Por exemplo: Russell Wallace escreveu que a Psicologia é simplesmente um Espiritismo rudimentar, pois trata superficialmente dos problemas do espírito. Emmanuel afirmou, no livro que tem o seu próprio nome, que o Espiritismo é o iniciador da Sociologia (iniciador, vejam bem, pois a Sociologia atual é também periférica). Léon Denis, em *Le Genie Celtique et le Monde Invisible* (obra que a FEB jamais fez traduzir e publicar) considera o Espiritismo como síntese do Conhecimento. E o próprio Kardec tratou desse assunto, indo mais longe ao analisar as influências futuras do Espiritismo na cultura do mundo.

A separação que o Sr. Luciano dos Anjos pretende é antiespírita, é misógena e retrógrada. O Espiritismo não veio para se isolar do mundo, mas para penetrar nele e o modificar, elevando-o na Escala dos Mundos. Os fariseus-espíritas enchem-se de horror diante de expressões como estas: Psicologia Espírita, Sociologia Espírita, Pedagogia Espírita — mas aceitam ilógicamente as expressões Ciência Espírita, Filosofia Espírita e Religião Espírita. Querem fazer do Conhecimento Espírita —

que será o Conhecimento Integral do futuro — uma doutrina secreta, afastada de toda a cultura mundana, e dos espíritas uma espécie de santos fechados em oratórios e isolados do mundo.

A tamanhos disparates chega essa posição que o Sr. Luciano dos Anjos não vacila em condenar o ensino de Português nas instituições espíritas. Acaso não nos servimos da língua pátria para divulgar a Doutrina e não devemos facilitar aos nossos irmãos o conhecimento da mesma? Todos falamos a mesma língua, mas geralmente a falamos mal. O Espiritismo necessita de clareza de expressão, como ensinou Kardec (sim: ensinou e nós todos aprendemos, porque Kardec sabia ensinar). A Matemática, a Lógica, a Geografia, a História, são todas matérias de que os espíritas necessitam para bem divulgarem os princípios doutrinários e defenderem a sua validade diante dos sofistas eclesiásticos e mundanos, que se apresentam ao público escudados em conhecimentos gerais.

Condenações e contradições

O raciocínio do Sr. Luciano dos Anjos, rabnicamente especioso, jesuiticamente sinuoso, chega ao cúmulo de esmiuçar trechos de Kardec para encontrar uma possibilidade de virá-los no avesso. Mas vai além: ante o fato inegável da existência de escolas e cursos na vida espiritual, estabelece uma diferença entre o que lá se faz e o que se deve fazer aqui na Terra. Para ele, esses cursos “realizados no Alto sobre perispírito, eletrônica, etc”, não são de Espiritismo nem de Religião. Veja-se o absurdo: na vida espiritual os espíritos superiores devem tratar do perispírito fora do Espiritismo! A verdade é bem outra, mas o articulista não consegue alcançá-la porque o seu pensamento é divisionista. Ele ainda não aprendeu aquela lição tão simples e constantemente repetida pelos espíritos e por Kardec: “Tudo se encadeia no Universo.”

Para maior prova da sua confusão no tocante aos problemas do ensino, certamente provinda da

sua frustração como professor que nunca conseguiu ensinar nada a ninguém, o Sr. Luciano dos Anjos — que considera o ensino inócuo e até prejudicial, acaba ressaltando na sua crítica as escolas comuns e até mesmo as escolas espíritas de ensino leigo. Ora, se o ensino é bom, porque não pode sê-lo no Espiritismo? Se as Faculdades de Filosofia são úteis, porque não o será uma Faculdade de Filosofia Espírita, ou ainda uma Faculdade Espírita de Filosofia? E' sempre a divisão, a prevenção, o preconceito, como se o articulista militasse nas fileiras dos que consideram o Espiritismo uma excrecência cultural, um corpo estranho na cultura do século. Se o Instituto Lins de Vasconcelos, em Curitiba, merece apoio e louvor, o mesmo acontecendo com o Educandário Pestalozzi em Franca, porque os Institutos de Cultura Espírita são condenáveis?

Ignoraria o Sr. Luciano dos Anjos por que motivo Eurípedes Barsanulfo fundou o Colégio Allan Kardec em Sacramento, Minas Gerais, do qual surgiria mais tarde o Educandário Pestalozzi de Franca? Teria sido apenas para ensinar matérias leigas? Será para isso que se fundam as escolas espíritas? Tanto não foi e não é que essas escolas estão realizando experiências bem sucedidas, por toda parte, no sentido de melhorar a metodologia do ensino com as contribuições do Espiritismo. E estão conseguindo dar uma educação diferente da que se dá nas escolas materialistas e sectárias, graças a inclusão do ensino espírita nos seus currículos.

O próprio aparecimento desta revista **Educação Espírita**, e a sua entusiástica aceitação, provam que o meio espírita dispõe, felizmente, de uma maioria mais arejada e consciente, que reconhece na Educação Espírita o instrumento válido e indispensável para a criação de um novo mundo na Terra, a elaboração de uma nova cultura. Podemos dar um exemplo significativo: nas comemorações do jubileu de prata do Educandário Pestalozzi, em Franca, foi dado aos professores do mesmo o pri-

meiro curso de Introdução à Pedagogia Espírita realizado no Brasil e no Mundo. Não verá o Sr. Luciano dos Anjos que os tempos estão mudando e que os **sinais dos tempos** estão nos convocando a uma visão mais ampla da realidade?

O fermento do mundo

O Espiritismo, como desenvolvimento histórico e profético do Cristianismo — como Terceira Revelação — não se isola do mundo, não se fecha em sacristias e cursilhos, **não admite instituições papalinas que se arrogam a posse exclusiva da verdade.** Ao contrário disso, o Espiritismo se abre em pré-dica e ensino, em cursos e escolas, em livros e jornais, divulgando e propagando a verdade no clima de liberdade e mútuo respeito que caracteriza os tempos novos. Sua função no mundo é aquela indicada por Jesus na parábola do fermento que leveda a massa de farinha. Como o Cristianismo, o Espiritismo continuará a penetrar na farinha do mundo para levedá-la, queiram ou não queiram os homens e os anjos.

A visão espírita do mundo é **gestáltica**, é global, é monista. Não sofre do dualismo masdeísta das religiões que estabelecem os reinos contrários do bem e do mal e fazem de Deus um ser dúplice, ao mesmo tempo irascível e paciente, cruel para uns e bom para outros, semelhante a essas criaturas que os psicólogos dizem possuir dupla personalidade. Falta ao Sr. Luciano dos Anjos essa visão precisa da doutrina, porque ele acrescenta à Codificação uma falsa doutrina que proclama o dualismo, fazendo da Terra e da vida terrena uma condição aviltante ao invés de um plano abençoado para a evolução do espírito.

Na resposta à pergunta 540 de **O Livro dos Espíritos** encontramos este final que vem a calhar e que o Sr. Luciano deve meditar. Tratando da evolução dos espíritos que vão subindo na escala evolutiva, diz a resposta: “Primeiro, executam; mais tarde, quando sua inteligência estiver mais desenvolvida, comandarão e dirigirão as coisas do

mundo material; mais tarde ainda poderão dirigir as coisas do mundo moral. E' assim que tudo serve, tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, pois ele mesmo começou pelo átomo. Admirável lei de harmonia, da qual o vosso espírito limitado ainda não pode abranger o conjunto!"

E' isto o que chamamos de monismo espírita, esta ligação maravilhosa de todas as coisas e todos os seres, num encadeamento preciso em que nada fica de lado, em que tudo se une sob o poder único de Deus. Não se trata do velho monismo materialista, que era apenas uma visão parcial e estreita da realidade universal, mas do monismo espírita que se estende ao infinito. Se compreendesse isso o Sr. Luciano não faria discriminações indevidas e não cairia nas contradições que assinalamos e em outras que deixamos de notar por falta de espaço e de tempo. Seria um nunca mais acabar!

A educação de hoje

No tocante aos problemas educacionais o Sr. Luciano dos Anjos está ainda imantado ao antigo Colégio Imperial de D. Pedro II com sua sala do milho. Daí a sua ojeriza aos doutores e professores que ensinam de cátedra, firmados na autoridade do magister dixit. As escolas de hoje não são assim, os professores atuais não são desse tipo. Desde Rousseau que a Educação se humanizou, deixando "milhos e pipocas" de lado e exigindo a colaboração de professores e alunos no desenvolvimento do aprendizado. Certamente é esse um dos motivos por que o Sr. Luciano não conseguiu nunca ensinar nada a ninguém. Simples questão de atualização pedagógica, que não o autoriza a profetizar a devastação da cultura através da extinção de escolas e cursos. Mas para isso há hoje, em nosso meio, uma solução prática. Mesmo os autodidatas mais arrogantes, desprovidos da humildade necessária para sentar numa classe e ouvir as aulas de um mestre, há um meio eficiente de atualização. Basta a leitura da Revista **Educação Espírita** para que

eles se ponham em dia com a problemática educacional dos nossos tempos.

Caso da FEB

Empenha-se o articulista — fascinado pelo seu dualismo masdeísta — em clamar contra “os inimigos da FEB”. De um lado coloca a nobre instituição da Avenida Passos como privilegiada detentora da verdade espírita, de outro lado os que discordam de certas atitudes de sua diretoria. Estes, os discordantes, são os filhos das trevas, os que desfiguram a Terceira Revelação, os que pretendem criar uma nova igreja dogmática. Não nos cabe a carapuça. Consideramos a FEB um patrimônio sagrado do Espiritismo e é justamente por isso que discordamos de atitudes erradas de sua atual diretoria.

Não somos contra a FEB e nem mesmo contra os seus diretores, mas contra os erros por estes cometidos. Se esses diretores soubessem defender a pureza doutrinária do Espiritismo e incentivar a sua propagação sem o exclusivismo antiespírita a que se apegam, nada teríamos a lhes opor. Queremos a FEB integrada no movimento espírita brasileiro, de que ela mesmo se afasta em consequência do messianismo ilógico dos seus dirigentes, que só sabem condenar todas as iniciativas boas e necessárias que não partam de suas iluminadas cabeças.

Este mesmo episódio que estamos vivendo é um exemplo vivo dessa situação. Quando surgiu a revista **Educação Espírita** alguém viu uma só notícia a respeito, por mínima que fosse, nas colunas do **Reformador**? Não. Somente agora, mais de um ano após o lançamento da revista, os leitores do órgão da FEB têm notícia dela graças ao ataque do Sr. Luciano dos Anjos. E assim mesmo o articulista se refere a ela não como revista, mas como “coleânea de artigos de vários autores”, o que aliás não fica bem na pena ou nas teclas de um jornalista.

Alguém já viu no **Reformador** uma notícia de livros publicados por outra editora que não a da

FEB? São numerosas as editoras espíritas brasileiras, mas para os leitores do órgão da FEB nenhuma delas existe. Para que a FEB se integrasse no movimento de unificação foi preciso que os espíritas do sul do país a assediassem longamente, contornando dificuldades como se faz numa doutrinação. E, por fim, tiveram de aceitar a desfiguração do movimento com a instalação de um Conselho Federativo no Rio, subordinado à FEB. Toda essa arrogância não provém da FEB como instituição tradicional do movimento espírita, mas dos que a dirigem, enquistados num misoneísmo e num exclusivismo tipicamente provincianos. E' contra isso que nos voltamos, e não contra a FEB em si, que mais hoje, mais amanhã, há de voltar à sua posição de casa-mater, de braços abertos para todos — porque a misericórdia de Deus não negará à velha instituição a reabilitação que todos esperamos.

Quanto ao Sr. Luciano dos Anjos, sua atuação na atual administração da FEB, que lhe concede todos os favores e parece considerá-lo como seu porta-voz oficial, tem sido a mais desastrosa possível. Ao invés de usar a sua inteligência para reunir, emprega-a para desunir. Empenha-se em acentuar a supremacia da entidade, em menosprezar e desfigurar o trabalho dos outros, em convencer o público de que só o grupo da FEB está certo, está com a verdade. Serve-se assim do prestígio tradicional da instituição para semear a discórdia em nome da união, para acirrar os ânimos, condenando toda boa iniciativa, todo trabalho digno que não parta dos estaleiros messiânicos da Avenida Passos.

Já é tempo de se pôr cobro a essa situação perigosa, que vem ameaçando de fragmentação o movimento espírita brasileiro. E' necessário que uma voz se levante advertindo os incautos e procurando acordar os que dormem. **A hora é de união e de ponderação.** Não pretendemos voltar a este assunto, mas não podemos deixar de cumprir o nosso dever de lançar este aviso, porque bem diz a sabedoria popular: **quem avisa, amigo é.**

A INFANCIA DE JESUS

GUERRA JUNQUEIRO

Recebido pelo médium *Jorge Rizzini*,
faz parte do livro "JESUS" em
elaboração.)

MARIA com seu filho e o esposo José
Estavam habitando uma aldeia do Egito;
Mas, dois anos depois pelo deserto, a pé,
Voltaram a rever a bela Nazaré,
Com o coração feliz e os olhos no Infinito...
Herodes falecera! E, em partes quase iguais
Augusto dividira a velha Palestina.
De novo Nazaré não tinha muita paz!
O rei da Galiléia era uma alma leonina,
Explorador do povo e bebedor de pipas...
Lembrava muito o pai este Herodes Antipas!
Talvez menos cruel, mas muito mais exótico,
Antipas, sem pudor, sendo casado, embora,
Transformara o palácio imenso, apoteótico,
Em um sórdido harém nojento e nevrótico,
Cujas festas pagãs repercutiam fóra...
E, para sustentar a lúbrica festança
Antipas escorchava o povo com a lança,
A pedido de Roma, essa Loba faminta!
Quadruplicou o impôsto em todo o território,
E, para terminar com o baixo falatório,
Ergueu novas prisões em número de trinta!

Mas os tristes hebreus, de Jeová fiéis,
Recordavam no Templo o hercúleo Moisés...
No entanto, já vivia o Cristo em Nazaré,
A pequenina aldeia erigida ao sopé
De grande cordilheira esplêndida, imponente,
De onde se avistava o místico Tabor,
E o mar Mediterrâneo, em baixo, reluzente,
A cantar para o Céu uma canção de amor!...
Nessa paisagem bela irradiando luz,
É que iremos rever o menino Jesus
Com túnica de linho, alva e cristalina,
Tecida por Maria à luz da lamparina
No fuso que José — um mestre na madeira!
Em curto tempo fez dum galho de oliveira!
Eis o pequeno Cristo a trazer para casa
Sob o sol inclemente, ardente como a brasa,
E que tinge de sangue as bandas do horizonte,
No cantaro de barro a água fresca da fonte!
Ao vê-lo assim pequeno e humilde entre os plebeus,
Ninguém jamais diria — é o Embaixador de Deus!
O seu lar é de pedra; de um só aposento,
Estreito e sem janela, onde mal entra o vento...
Pela entrada grotesca escoá-se a fumaça
Do rústico fogão de tijolo e argamassa...
Lá fora, no entanto, oh, lindíssimas cenas!
As vinhas, os trigais, os lírios, as verbenas,
E à noite o firmamento, o cardume de estrêlas.
Quantas vezes, sózinho, o menino ía vê-las,
E sob a claridade ebúrnea do luar,
Com o Pai Celestial ficava a conversar
Com a Alma recolhida em doces vibrações,
E o corpo a emitir mediúnicos clarões!...
Nessa aldeia aprendeu, ainda bem criança,
Em uma sinagoga os hinos de Moisés;
Cantou-os um por um, fixou-os na lembrança,

O Pentatêuco inteiro, e com tal segurança,
Que o velho sacerdote o olhava de viés...
Tinha sete anos só! E, ao vir a luz do dia,
Já ia com seu pai para a carpintaria
Manjear o compasso, a serra, o cepilho,
Aprendendo a fazer janelas e cadeiras,
Uma porta, uma arca, uma cama, um caixilho,
Um cofre ou um sofá de rústicas madeiras!
E, com o passar do tempo, a avançar na idade,
Era inda mais viril sua mediunidade!
Onze anos tinha agora e a Alma, já desperta,
Via em cada consciência uma página aberta,
Um espelho a revelar, límpido e cristalino,
Os atos bons e maus, o santo e o assassino!
Já despontava em si a imensa piedade
Por todo o sofredor, por toda a Humanidade!
E, com as pequenas mãos, puras e luminosas,
Começou a curar moléstias pavorosas
De mendigos senís que mostravam na rua
Suas chagas febris ao sol e à luz da lua...
Curava,, simplesmente, ao levantar a mão,
A lepra ou a cegueira, o cancro, o aleijão!
E vinha o povo ver, de toda Nazaré,
O menino Jesus, o filho de José!
E os simples vendo, então, o seu imenso amor,
Diziam, entre si:

“ — É o Cristo! O Salvador!...”

COM O POETA DAS CRIANÇAS

WALTER NIEBLE DE FREITAS

A LENDA DOS ESPINHOS

Pela estrada ressequida,
Sob um sol abrasador,
A caminho da Judéia
Seguia Nosso Senhor,

Nos sítios em que passava,
Pregando o Bem e o Amor,
Nasciam lindas roseiras
Carregadinhas de flor.

Mas as roseiras deixadas
Pelo Senhor, nos caminhos,
Não eram como as de hoje
Que são forradas de espinhos.

Dir-se-ia que eram feitas
De fulvos raios de luz
Para lembrar aos incrédulos
Que ali passara Jesus.

Infelizmente no mundo
Os homens não são iguais,
E havia os que, por maldade,
Pisavam nos roseirais.

Para ferir, sem piedade,
Aqueles homens mesquinhos,
Os roseirais de Jesus
Revestiram-se de espinhos.

O GIRASSOL

Conversando com as flores,
O girassol, certo dia,
Afirmou-lhes com orgulho
Que Jesus não existia.

O Filho de Deus, no entanto,
Que está em todo lugar,
Ouvindo aquela inverdade,
Quis o ingrato castigar.

Apontando para o céu,
Assim lhe falou Jesus:
— Lá está a minha casa,
Meu reino cheio de luz.

Para que sempre me vejas
Faço-te escravo do Sol:
Seguirás o seu trajeto
De arrebol em arrebol.

Não serás como os descrentes,
Como os ímpios, os ateus,
Pois quem olha para cima
Crê na existência de Deus!

EXALTAÇÃO

Ama sempre o teu país,
Sê bom filho, bom irmão,
Reparte com o mais pobre
O teu pedaço de pão.

O pouco com Deus é muito,
O muito sem Deus é nada;
Por menor que seja a dádiva
Pelo céu é abençoada.

Os teus pais deram-te a vida,
Teu mestre deu-te instrução;
Reserva, pois, para eles,
Um lugar no coração.

Para não seres vencido,
Jamais percas a esperança:
É depois da tempestade
Que sempre vem a bonança.

Nunca te esqueças que o estudo
Também é luta, é trabalho:
Quem estuda é providente,
Está plantando carvalho.

Procura fazer o bem;
Evita o ódio, a maldade;
Quem vive semeando vento
Sempre colhe tempestade.

Não deixes para amanhã
O que hoje podes fazer;
Se queres vencer na vida,
Não adies teu dever.

Confia sempre no Bem;
Leva ao fim tuas campanhas:
Só assim compreenderás
Que a fé remove montanhas.

Procure, com os bons livros,
Melhorar tua instrução:
Há mais luzes no saber
Que nos astros da amplidão!

Criança, se assim fizeres,
A luta não será vã,
Pois o que hoje plantares
Hás de colher amanhã!

OS EXAMES ATRAVÉS DE TESTES

ANTONIO D' ÁVILA

(Do Conselho Estadual de
Educação)

A explosão demográfica, tão sensível em nosso país, fartamente estudada nos últimos tempos, trouxe, como consequência, a explosão da clientela para as escolas paulistas. Quem quer que analise estatísticas do ensino de ontem e de hoje, há de convir que o número de estudantes em cursos regulares e nos exames supletivos cresceu assustadoramente: 185 000 no ano passado, 160 000 neste ano, esses os números dos inscritos nos exames de madureza. Perto de 3 000 000 de crianças matriculadas no curso fundamental da nova lei. E milhares de vestibulandos para as escolas superiores.

Ora, a crescente demanda de vagas, nos diversos níveis e modalidades de ensino, gerou o grave problema do prédio escolar, do professorado para esses níveis, o da inspeção, o da orientação educacional e profissional, além de outros. E então se implantou a grave questão do número em face da qualidade do ensino. Quantidade versus qualidade.

Mas ensino supõe avaliação em seus resultados, medida do rendimento escolar ou de preparatórios, exames, sabatinas, provas, com as possibilidades de aprovação ou reprovação, passagem de séries ou repetição de ano. E, pelo crescido número de candidatos a ingresso nas escolas de nível superior ou outras, surgiu a problemática do novo exame, que está sendo realizado, periodicamente,

tanto no campo da madureza quanto no dos vestibulares.

Esses novos exames têm marcado época em nosso meio, dias agitados nos calendários escolares, criando a respeito clima de agitação e desassossego no espírito dos jovens, das famílias e nas escolas.

E daí a nova titulação de notícias, a atual forma publicitária de encarar a realidade, como aparece nos jornais: "A corrida para os vestibulares", "A degola dos inocentes", "Cresce a tensão entre a juventude" e outras epígrafes.

Ora, em termos conhecidos de ontem, o exame mediador de conhecimentos e de habilidades podia ser escrito, oral e prático, por vezes. E as três modalidades de verificação do saber, comuns nas escolas, não precisam aqui de elucidação conceitual. Todos as conhecemos, muitos passamos por elas. Agora, porém, em face da torrente impressionante de aspirantes a vagas ou certificados, foram os responsáveis pelo ensino e exames impelidos à procura de processo mais rápido, mais prático, mais pronto e mais moderno dessa medida dos conhecimentos ou desconhecimentos dos candidatos ou alunos. Foi-se o exame oral, de certa forma excelente aferidor de conhecimentos, de maturidade, de assimilação do saber, foi-se o clássico exame escrito, foram-se provas práticas, apareceu o teste como processo pragmático e recomendado de medida, como apareceu o computador de resultados.

Ora, neste ponto se insere questão muito séria, a de saber-se se, realmente, o teste é instrumento capaz de medir o saber, o raciocínio, o discernimento de candidatos a exames de madureza ou vestibulares, ou se, em confronto com as provas clássicas, orais, escritas e práticas é apenas um recurso necessário, do momento, mas precário nas suas demonstrações.

Não é este assunto pacífico, antes polêmico, que merece maior estudo e maiores reflexões, muito embora, nos dias de hoje, em nossa realidade escolar, seja o único e possível instrumento indicado.

De maneira prática e clara fixemos no assunto, algumas dúvidas, em face desse processo, v. g. o da inexistência da prova escrita, redacional, expositiva que, de maneira iniludível, vinha espelhando, no velho exame, o espírito, as disposições lógicas dos examinandos, seu discernimento e a sua cultura.

Outra dúvida está em que tais testes, muito raramente, passam pelos caminhos normais e técnicos de sua construção ou seja, elaboração, aplicação experimental, verificação estatística de resultados, polimento de questões, levantamento de curvas comprobatórias, para definirem-se, por fim, como medida hábil e precisa em seus objetivos.

Ainda, incluiu-se no rol dos testes verificadores do saber, no processo atual de sua utilização, o chamado "teste de conhecimentos gerais", sem dúvida alguma, modalidade de aferição de cultura dos examinandos. Uma prospecção interessante nos campos do saber dos postulantes a vagas ou a certificados de exames, uma sondagem diversificada de suas leituras, de seus estudos, de seus interesses e de sua sabedoria. Mas sobre tais testes, justamente tão encomiados, tem caído maior soma de críticas e de observações desfavoráveis de estudiosos de assuntos de medida. E há certa ou grande razão nisso. Senão, vejamos. Abanca-se um organizador de tais testes e começa a elaborá-los, pacientemente. Esquadrinha enciclopédias, dicionários, compêndios, obras de literatura e de ciências, de artes, livros de curiosidades, almanaques e outras fontes e planeja a sua bateria de provas. Ora, nesse trabalho o organizador deve ter em conta que cultura geral é um conjunto equilibrado de conhecimentos elaborados no campo da história, da geografia, das ciências em geral, da política, da indústria e comércio, do vasto mundo de temas morais, religiosos, sociais, econômicos. Rol de conhecimentos que seria difícil enumerar. Mas, obra de imaginação essa, de criatividade humana, na medida do saber alheio, de idéias sedimentadas, também o será do equilíbrio mental dos examinandos.

dos, de sua bagagem cultural, preferências e interesses. Não, alvo de colher coisas fantasiosas, caprichosas, migalhas de conhecimentos, farrapos de leituras.

Mas aconteceu que nos primeiros ensaios e práticas de tais testes, hoje visivelmente melhorados, que fantasiosos elaboradores de questões, entraram a misturar cultura geral com cultura futebolística, saber geral com filmes cinematográficos, valores culturais humanos com marcação deste ou daquele gol, neste ou naquele campeonato. Tal nos anunciava lamentosa mocinha, tempos atrás, reprovada em conhecimentos gerais, desse tipo, porque não soubera qual o primeiro filme de Charles Chaplin, nem qual fosse o apelido de Francisco Alves, em que ano surgira no cinema Francisca Bertini. De outro reprovado ouvimos, desolado que ignorava, e com razão, qual fora o goleiro em certa época do Palmeiras, ou qual fosse o volume de água da baía de Guanabara. E, por esse teste, quantas esperanças malogradas, quantas vidas sacrificadas, quando um candidato ao magistério, por exemplo ignorando tudo de Froebel e de Herbert, devia, contudo saber quem escreveu “Meu limão meu limoeiro” ou qual o autor de “Elvira escuta os meus gemidos”, ou com que idade morreu Noel Rosa, ou qual o primeiro disco de Vicente Celestino!

Um último ponto merece, no momento, ligeira observação. Tem sido noticiado, com muita ênfase, a impossibilidade de recursos estranhos na realização de provas sob forma de testes. Ou, em linguagem prosaica, a “cola”. Mas jornais têm também noticiado que, ainda se introduzindo no recinto dessas provas, a estranha fauna dos chamados “pilotos”, indivíduos inscritos adrede nas provas para, com recursos de mímicas e de gestos codificados, instruírem os inscientes na escolha das respostas dos modelos de alternativa ou de escolha. Todo um código de sinais, por meio dos quais vão os atentos “pilotados” lançando aqui e ali as suas cruzinhas salvadoras. Isto temos lido nos jornais para

enriquecer nossos arquivos de assuntos ligados ao problema da cola nos exames. A última contribuição que guardamos foi uma rica e hábil reprodução fotográfica de textos de uma botânica, cujo autor, com elias na palma da mão se desembaraçava, solerte, dos obstáculos das provas. Uma coletânea de logilbilíssimas páginas do compêndio, formato 5x6 cm. texto, gravuras, notas.

O que estamos escrevendo vale apenas como opinião colhida, quer na leitura de testes de conhecimentos gerais, de ontem, quer quanto lemos a respeito de fraudes nesses exames. Meras digressões num assunto de maior importância.

MUITOS MESTRES... UM CAMINHO

VIRGINIA LEFÈVRE

(Professora e escritora — Presidente da Sociedade Pró Educação e Saúde — Ubatuba.)

Sou um psiquiatra. Há meses e meses que venho ouvindo seus desabaços, anotando tudo, observando, refletindo, auscultando. Agora quero falar! E você, senhora que quer ser o centro do mundo, vai me ouvir.

Diz você que não vale a pena viver-se. Nada somos, nada sabemos, nada temos de nosso, tudo é instável neste vale de lágrimas. Pois eu lhe respondo que a instabilidade das coisas pode representar uma escala de progresso. É condenação apenas para seus olhos egoístas e exigentes.

Você teve uma boa formação religiosa e se considera cristã. Eu, como médico, tenho sido um livre-pensador. Mas, pelo que me parece, o Cristo vos ensinou a vencer a morte e superar a dor, transformando-as em instrumentos de ascensão para o espírito. Por que você, que se considera cristã, desistiu de lutar? Por que está teimando em nadar contra a correnteza? Repare que os mais complexos fenômenos ligados à vida humana, — rotação da Terra, movimento dos astros, sol, luz, eletricidade, — tudo se realiza inexoravelmente e com a maior precisão. A Lei que move os mundos é perfeita e indiferente aos nossos conhecimentos e às nossas mesquinhas vontades.

Pediu-me que lhe fosse franco. Serei franco até à rudeza. Seu jeito de falar em torrentes de

palavras, bonitas e elevadas, dava-me a impressão de que procurava convencer o médico, tanto quanto a si própria. Bem no íntimo, não está lá muito segura de suas queixas. Entretanto não deseja curar-se. Seus pretensos males são uma espécie de meio de vida, de hábil defesa.

Tem consultado muitos médicos, mas o objetivo é provar a si própria e aos outros que seu mal é incurável. Suas mágoas e dores físicas são uma capa para um conflito íntimo, — conflito este do qual você tem plena consciência.

Começemos. Você detesta seu marido, mas lhe falta coragem para abandoná-lo. Além disso, pensa que sua posição de “sofredora” é um meio de atrair atenções e simpatia. Engana-se redondamente! Todos, inclusive seu médico, estão fartos de suas queixas. Se lhe estou dizendo isso é por ter certeza de que você é mentalmente sã. Se fosse uma doente mental, eu não tentaria resolver seu caso com polêmicas! Você pode e deve equilibrar-se.

O Universo é um inextinguível impulso de amor, de criação, de afirmação, em luta permanente contra um princípio oposto de inércia, todo feito de revoltas e ódios, destruição, negação. Deus e Demônio. Positivo e negativo. Altruísmo e Egoísmo. Sempre em luta pelo equilíbrio.

Na minha longa experiência de almas humanas, cheguei à conclusão de que o Bem compreende o Mal. O Bem consegue constranger o Mal a trabalhar pela consecução dos seus objetivos. No Bem está a meta da evolução que se apóia sobre o Mal para realizar-se.

E por quê? As pessoas egoístas como você, estas que se consideram o centro do mundo, estas que não conseguem pensar ou falar senão de si próprias, são infelizes. O Egoísmo não proporciona senão satisfações de momento, fugazes e inconsistentes. Você tem quarenta anos. Mesmo que viva outros quarenta, nunca se sentirá melhor com suas lamúrias!

Você é sincera quando afirma que pouco se importa com o sofrimento que causa aos que a

rodeiam. Vou ser sincero lhe aconselhando que acabe de vez com sua tirania cruel. Se não se sente capaz disso, então a aconselho a abandonar seu marido e seus filhos! Não os contamine com seus maus pensamentos, tão fatais como um bacilo de lepra ou de tuberculose. Seus filhos são obrigados a ouvi-la, a suportar seu mau-humor, seu pessimismo, seus gritos, a aguentar sua fisionomia sempre abatida ou carrancuda, sua preguiça que mantém a casa em desleixo sob o pretexto de sua má saúde. Seus filhos são duas crianças tristes, assustadiças, desconfiadas, agressivas, frustradas em sua sede de amor. É bem possível que, futuramente, sejam pessoas neuróticas e ponham no mundo filhos também neuróticos.

Seu marido tem gasto rios de dinheiro com médicos e curandeiros. Depois de lhe extorquirem o que puderam, aconselharam-lhe o psiquiatra e o psicanalista. Você adorou a psicanálise! Finalmente tinha encontrado um ouvinte paciente e incansável, atento e interessado, de certa forma predisposto a dar-lhe razão...

Seu marido é um homem íntegro, afetuoso e dedicado. Que culpa tem ele de que você tenha se casado sem amor, fugindo a uma paixão sem remédio? Foi seu amigo de infância. Tem uma paciência evangélica com você. Faz-lhe todas as vontades, a ponto de você suspirar: "Eu preferia que me contrariasse."

Admitamos que você tenha o direito de detestar seu marido. Então porque o maltrata e escraviza, exigindo um luxo que ele lhe paga com sacrifícios pessoais? Será isso honesto ou nobre? Por que você não se ocupa com algum trabalho remunerado? Ele tem o dever de lhe dar o necessário, mas não é justo que faça sacrifícios para lhe dar o supérfluo. Uma mulher de caráter nobre teria vergonha de exigir tanto dum homem que detesta.

Se prefere continuar vivendo com seu marido, porque não se esforça para terem paz? Este esforço seria uma justificativa para as exigências que você lhe faz. Se tem prazer em estragar-lhe

a vida, lembre-se de que você também está estragando a sua própria! É um procedimento insensato, irracional, para não dizer cruel.

Não venha alegar-me que está exausta. Exausta de quê? De ficar chorando sobre si mesma? O que lhe falta, senhora, que tudo exige sem nada oferecer em troca, é um pouco de amor dentro de seu coração egoísta e insaciável. Sua falsa doença mental é uma fuga. Mas, se continuar com esta linha de pensamentos, acabará doente de verdade. Reaja enquanto é tempo. Chega de olhar para o passado. Procure o seu perdão no dia de hoje!

Ameaça matar-se, mas não se matará. É apenas um truque para assustar a família. Não lhe dou razão. Desprezo seu egoísmo e sua covardia diante da vida. Não lhe receitarei o tratamento de eletrochoque ou outro qualquer. Não é o seu caso. Você precisa simplesmente abrir os olhos e aquecer o coração.

Seu egoísmo enredou-a num verdadeiro dédalo de complicações. Acabou por esquecer-se da beleza e da paz das grandes verdades primordiais: ser mãe, criar um lar onde haja harmonia e segurança. Contudo a Lei de Deus (como você O chama) continua imutável, acima das tempestades humanas. Nos grandes momentos poderá salvar-nos.

Procure concentrar sua mente em coisas como Bondade, Renúncia, Retidão — valores morais que constroem a pureza da vida e desenvolvem a potencialidade da alma. Para mim, o psiquiatra, a alma é o instrumento psíquico que se comunica por sintonia e afinidade. Por isso acredito na terapia pela Bondade, pela Renúncia, pela Retidão.

Você tem um dever moral perante seu marido, seus filhos, a sociedade. Levante-se!

Assim como o fruto faz a semente e esta faz o fruto, assim o pensamento faz a ação e a ação, o pensamento.

TRABALHO DE EQUIPE

VALERIO GIULI

(Diretor da Secretaria do Trabalho
do Estado de São Paulo)

Uma das moléstias que atormentam o convulsionado mundo de hoje é o egoísmo. Homens e nações ficam presos a ele e procuram impor sua opinião e seu modo de viver aos outros povos ou as outras criaturas. — O Terceiro Mundo, formado por 80 nações, tão falado, tão discutido, tão lamentado, representa enorme parcela dos que vivem em estado de subnutrição, de isolamento, de revolta e de tristeza. Fala-se muito em solidariedade internacional para a garantia de um modo de viver e de uma segurança, porém não se fala em solidariedade cristã capaz de eliminar privilegiados que mantêm as nações divididas, não entre comunistas e capitalistas, mas entre novos de “barriga cheia” e povos de “barriga vazia”, de vez que esta é, hoje, a grande divisão do mundo, ou o “grande escândalo do século” no dizer de um delegado africano na O.N.U.

Está faltando, além da compreensão cristã da vida, um trabalho de equipe. É preciso que as 80 nações do Terceiro Mundo comecem a dar-se as mãos e procurem enfrentar juntas os problemas que são comuns.

Esta falha, entretanto, não é só dos povos: é, também, dos homens isoladamente ou dos pequenos grupos, como a família, por exemplo.

A família deve trabalhar no sistema de equipe. Nenhum dos seus membros pode viver isolado

ou tomar atitudes por conta própria sem examinar se sua decisão irá ou não prejudicar o trabalho dos outros, ou o equilíbrio da pequena sociedade, pequena no tamanho, porem imensa na sua expressão.

De famílias bem formadas e organizadas depende a patria ideal. Rui Barbosa já o disse, com muita oportunidade: "multiplicai a célula e tereis o organismo. Multiplicai a familia e tereis a Patria..."

A patria sadia é o resultado de familias que funcionam bem.

E para que isto aconteça é preciso afugentar o egoismo, é necessario que haja doação, compreensão. É trabalho de mãos dadas, de equipe.

E para confirmar este conceito "recordemos que Jesus, cuja misericordia e poder abrangiam tudo, procurou a companhia de doze auxiliares, a fim de empreender a renovação do mundo. Aliás, sem cooperação, não poderia existir amor, e o amor é a força de Deus, que equilibra o Universo".

Os filhos são a parte principal do grupo, os causadores de tantas alegrias e, vez por outra, de problemas e tristezas. O exame das falhas dos filhos deve ser feito no grupo familiar e não isoladamente. Querer examinar um problema sem relaciona-lo com a familia é erro que não deve ser cometido.

A falha do filho não será consequencia da omissão familiar, ou de um dos seus membros?

Numa visita a um dos presídios da cidade, encontrei um pai chorando diante das grades da prisão de seu filho. Procurei consola-lo.

"Estou chorando pela minha omissão de pai. Não soube evitar que meu filho viesse para cá, trazido pelo meu egoismo e meu orgulho..."

Educação é trabalho de mãos dadas, é tarefa de equipe. Que ninguem tenha a presunção de ser dono das soluções e da verdade. Sejamos humildes para reconhecer que é preciso união entre todos para sermos dignos da justiça de Deus.

O trabalho começa na família, na reunião de todos, na compreensão e no amor. Depois, será mais fácil ampliá-lo para a pátria e para o mundo.

E para participar da equipe é preciso humildade, amor, doação. Vale o esforço, pois estamos formando o maior patrimônio do mundo — nossos filhos — e procurando ser dignos de Deus que nos fez à sua imagem e semelhança.

ESCOLA PITORESCA

MARIA DE LOURDES NORONHA NIEBLE

(Professora e autora do livro "Desencontro")

OS TEMPOS MUDARAM

D. Alzira, professora aposentada e sua sobrinha Liliana, estudante, comentam uma notícia do jornal sobre a idéia do Governo em instalar classes para excepcionais em todos os núcleos escolares, atingindo os interiores mais distantes do País.

— Parece-me que os excepcionais aumentam dia a dia...

A professora aposentada passa a rememorar seus tempos de magistério no interior e também na Capital, na época em que os deficientes mentais, principalmente, ou eram confinados pelas próprias famílias ou ficavam perturbando excessivamente a infeliz mestra de classe comum.

Se algumas vezes o excepcional, apático ou acomodado, necessitava apenas de proteção redobrada da mestra, em muitos outros casos punha em polvorosa seus coleguinhas de classe e mesmo o estabelecimento inteiro.

Por maiores que fossem a paciência, a dedicação, a didática, a psicologia dos mestres, o desgaste era tal, que muitos deles viviam em permanente crise de nervos.

Um dos aspectos marcantes, sobre o assunto, na carreira de D. Alzira, foi o Jorginho, no primeiro Grupo Escolar onde essa mestra alcançou vaga por concurso.

O Jorginho não assimilava absolutamente nada do que se lhe ensinasse e não parava um minuto em posição alguma, nem deixava em paz qualquer pessoa que estivesse ao seu redor. Tinha como guarda-costa uma irmã mais velha que estudava na mesma classe, com pouco aproveitamento devido ao encargo trazido do lar, que era o de controlar e vigiar o irmão. Assim, a menina vinha repetindo pela terceira vez o 1.º ano, embora tivesse inteligência normal.

Um dia D. Alzira procurou o Diretor do estabelecimento e mostrou-lhe a impossibilidade de dar aula com o irrequieto aluno em classe, pois além de outros problemas tinha o Reinaldo, que sofria de ataques nervosos e a Janina que furtava tudo o que via.

— D. Alzira, disse o diretor, eu sei que a senhora está com a maior classe, formada de 40 matriculados e 5 ouvintes, e que precisa promover alunos no fim do ano para a sua melhoria de vida no magistério, como também para se remover mais perto de sua família. Mas eu não posso devolver ao lar um aluno que já está com 8 ou 9 anos, sem motivo previsto pela lei. O jeito seria a própria família concordar em manter o menino em casa.

Partiu então a professora para um entendimento direto com os pais do garoto. Como foi grande o seu desaponto com as primeiras palavras da mãe do Jorginho. Ela se abria em agradecimentos à professora por aturar seu penúltimo filho durante 4 horas. Era este o tempo em que a mãe, já muito doente, descansava um pouco e adiantava as tarefas domésticas. Família pobre, com 6 filhos, sendo o mais velho com acentuado mongolismo. Os filhos intermediários eram normais, porém, ocupados sempre em ajudar o pai ou a mãe fora de seus horários escolares.

D. Alzira continuou com o Jorginho da seguinte maneira: arranjou uma grande caixa de papelão cheia de objetos insignificantes, agradou o menino e conseguiu convencê-lo a tomar conta daquela "preciosidade". O menino correspondeu ao papel de guarda, com uma fidelidade canina, relativamente quieto, com a caixa sobre os joelhos, mantendo-a fechada, e com o semblante feliz, orgulhoso, de quem ocupa um cargo importante. Não perturbou mais a classe que atingiu um rendimento muito maior. Às vezes a professora sentia um certo remorso pelo expediente adotado, mas lembrava-se que tinha outros 44 alunos que precisavam e podiam aprender. Este pensamento a confortava bastante.

Hoje os tempos são outros. As classes de reabilitação de excepcionais já funcionam nos estabelecimentos dos grandes centros, com excelentes resultados. Muitos dos numerosos problemas físicos e mentais já são solucionados pela Ciência e pela Educação.

MANIFESTAÇÕES DE CÓLERA NA CRIANÇA

DRA. MARIA JULIA P. DE MORAES P. PERES

(Da Sociedade dos Médicos Espíritas —
S. Paulo.)

A cólera é instrumento pelo qual a criança reage contra um ambiente ameaçador, geralmente formado pela própria família ou pessoas do seu círculo social.

Na sua forma primitiva é um auxílio da auto-defesa. Significa que há algum problema em alguma situação, que deve ser solucionado. Indica embaraços na vida emocional da criança, que poderiam passar despercebidos, pois a sua cólera brota de dificuldades de sua vida interior.

O Espiritismo nos esclarece que tais criaturas são colocadas em nossa vida sempre com uma finalidade útil, tanto para a nossa aprendizagem, como para a aquisição de experiências e conhecimentos materiais e morais. Em ambos os casos, a nossa responsabilidade é imensa em tentar orientar êsses seres, que são postos em nosso caminho com ligações espirituais e emocionais anteriores a esta vida. É nosso dever estudá-los, compreendê-los e dar-lhes o que de melhor formos capazes.

No caso da cólera na criança, temos a tendência de encará-la como uma afronta ao nosso orgulho, repelindo-a, muitas vezes com manifestações da nossa própria ira, envolvendo-a, não raras vezes, em conflitos íntimos que podem marcá-la para tôda a existência. Por êste motivo faz-se mister conhecer os principais fatores desencadeantes dessa cólera, para abordá-la cuidadosamente de modo a melhorar aquêle ser com o qual talvez tenhamos contraído dívidas no passado. Êsses fatô-

res podem ser provocados pela nossa interferência em suas atividades físicas e emocionais. Isto se manifesta desde a mais tenra idade: quando se enrola um recém-nascido em cobertores ou faixas, tolhendo-se os movimentos; quando não se lhe cuida, de trocar as fraldas e convenientemente, de alimentá-lo de maneira adequada ou de colocá-lo em posição confortável. Antes de um ano de idade as manifestações de cólera são no sentido de remover um obstáculo. Aos dois e três anos é frequente a criança encolerizada fazer ameaças com desejos de vingança, manifestados muitas vezes por atitudes de revide, como derrubar móveis, agressão por mordeduras, pontapés etc .. Aos quatro anos há crianças que ameaçam fugir, matar, ferir, machucar, como formas indiretas de sua agressividade. Outras dirigem sua cólera contra sí mesmas, entregando-se à auto-agressão física, como morder-se e atirar-se no chão. São crianças mais suscetíveis à cólera as crianças inquietas, com sono, em convalescença, cansadas, famintas.

A sua frequência é maior nos lares em que os pais apresentam desajustamento emocional. Daí, mais uma vez, a necessidade imperiosa da prática da reforma íntima, a partir do próprio lar, com sentimentos de tolerância e compreensão entre os cônjuges, para proporcionar um ambiente espiritual salutar, condicionador, do equilíbrio psíquico dos espíritos que, por determinações superiores, estão encarnados em uma mesma família.

Quando uma criança obtém o que quer com sua ira, esta é bem sucedida, dando por conseguinte motivos a outras crises semelhantes; quando, pelo contrário, a criança não obtém o que deseja através de sua irritação, terá menos razão para recorrer à cólera como meio de solução dos seus problemas.

Os pais devem ser ponderadamente tolerantes e enérgicos, e analisar cuidadosamente seus filhos, a fim de encará-los com objetividade não só a respeito do que fazem no presente, como do que provavelmente fizeram em vidas anteriores, as quais os levaram agora a estar unidos para a evolução

comum. A disciplina coerente é o método mais adequado, ao invés do rigor excessivo ou de brandura nos processos disciplinares. Atitudes comodistas dos pais, como o suborno (promessas de prêmios) ou deixar que a criança faça o que quiser, podem debelar uma explosão colérica, mas preparam o terreno para outras explosões semelhantes. (Goodenough, Anger in Young Children).

É necessário o devido cuidado por parte das pessoas que exercem autoridade sobre a criança — a princípio, os pais, depois, os professores e outros adultos — para que elas não desencadeiem episódios de cólera que muitas vezes deixam marcas duradouras em seu comportamento futuro. Assim, podem em sua adolescência refletir manifestações desviantes de cólera, como palavras de escárnio, indiretas, zombarias, menosprezo, prazer com os infortúnios alheios, atitudes de revolta política e socio-econômica, de vandalismo, furto e outros atos anti-sociais.

Certas vezes, até a amistosidade pode apresentar-se como manifestações da cólera. É o caso, por exemplo de alguém mostrar-se preocupado pelo bem estar de outra pessoa pela qual tem aversão. Nos círculos sociais é frequente uma falsa polidez nas relações superficiais comuns, chás, reuniões, refeições, ocultando às vezes, atitudes que vão da simples indiferença até o ódio. O espírita, que compreende êstes fatos também sob outros prismas, como o da reencarnação, da comunicabilidade dos espíritos, do dever de relacionamento cristão, da tolerância para com os semelhantes, deve estar sempre vigilante diante das atitudes e comentários indecorosos ou depreciativos, tão frequentes no ambiente social em que vive.

Outra manifestação de cólera, é aquela dirigida contra terceiros, ou seja, uma criança que recebe certas repressões não tem coragem de revê-las e descarrega então a sua ira em um irmão, empregada ou outra pessoa de suas relações.

A. Gesell, em estudos publicados no *American Journal of Psychology*, sob o título de "Jealousy",

considera a cólera como uma das manifestações mais frequentes do ciúme, incluindo sentimentos de vingança, autocomiseração e pesar.

Outras manifestações de irritação colérica poderiam ser consideradas, mas, em verdade, tôdas elas trazem à evidência a dificuldade de tratar habilmente uma criança irritada, pois esta irritação costuma provocar a ira da pessoa contra a qual é dirigida.

A. Jersild, em sua "Psicologia da Criança", comenta que poucos são os pais ou professores equilibrados que se tornem imunes a essa tendência.

A orientação aconselhável, após um episódio de cólera, quando os sentimentos se estabilizaram e os ânimos já estão calmos, é estudar conscienciosamente o fato ocorrido e seus fatores desencadeantes para evitá-los nas ocasiões oportunas.

A. Luis, em "Conduta Espírita", diz que a orientação da infância é a profilaxia do futuro, e que os pais respondem espiritualmente como cicerones dos que ressurgem no educandário da carne. Diante destas considerações, não se pode afastar o estudo dos fatores espirituais desencadeantes da cólera, aliados aos fatores emocionais de reivindicação e insegurança que podem acarretá-la. O equilíbrio moral, no relacionamento pais e filhos, auxilia muito a atitude de compreensão, análise e combate às frustrações que conduzem às crises de cólera. O estudo objetivo da personalidade da criança orienta qual a melhor maneira de agir em cada caso, com suas nuances e particularidades.

Concluindo, lembramos M.T. Van Leckhout, em "Arte de Educar a Criança", para quem a cólera é a exteriorização de uma reivindicação, e conhecê-la é curar parte do mal.

Conhecidos os fatores desencadeantes da cólera, cumpre-nos afastá-los, recorrendo a recursos psicológicos, físicos, educativos e tantos quantos forem necessários, pelo bem da evolução espiritual da criança e do desempenho eficiente de nossa própria missão

A EDUCAÇÃO COMO PROCESSO SOCIALIZADOR

Função homogeneizadora

Função diferenciadora

MARIA CANDIDA DE MORAES CARVALHO

NANCI LIBIARDI TIERIGO

IVONE DE GRANDE

HELENILDA FERRAZ PIRES

MARIA ZÉLIA GARBER

(Professoras — Trabalho de Grupo
na Escola de Administração Escolar
Princesa Isabel — S. Paulo.)

O que é Educação?

Procuramos estudar o processo educacional segundo a linha do pensamento sociológico de Durkheim, exposta no trabalho que traz os títulos acima. Esse trabalho não esgota a concepção atual do problema, mas nos oferece os dados básicos para a sua compreensão.

Durkheim parte da análise de duas definições clássicas: a de James Mill e a de Emmanuel Kant. Ambas lhe parecem generalizar demais o problema, colocando-o num plano demasiado abstrato.

Para James Mill a educação é o resultado de fatores variados, incluindo a ação das coisas, das instituições humanas, das gerações, dos próprios elementos da natureza sobre as criaturas.

Kant propôs como definição o próprio fim da educação, que lhe parece ser “o desenvolvimento em cada indivíduo de toda a perfeição de que ele seja capaz”.

A definição de Mill abrange fatores diversos que não devem estar presentes na definição de uma mesma palavra, pois causam confusão. A definição de Kant exige a explicação do que se entende por perfeição, e ao examinar isso encontramos certas dificuldades, pois as criaturas humanas apresentam diferenças de aptidões e de funções a exercer na sociedade. As especializações exigidas pelas funções não permitem o desenvolvimento harmônico em todos os sentidos, como Kant supõe possível.

Outra definição de James Mill, que apresenta a Educação como um processo destinado a “fazer do indivíduo um instrumento de felicidade para si mesmo e para os seus semelhantes” — definição utilitária — exige a definição de felicidade, que por sua vez implica várias maneiras de encará-la.

A conclusão de Durkheim é a seguinte: só devemos chamar de Educação — “a ação dos adultos sobre as crianças e os adolescentes”.

Essa é uma definição sociológica. Pode parecer muito simples, mas a simplicidade provém de sua objetividade. A educação se apresenta, assim, como **um fato social** perfeitamente delimitado. Torna-se fácil compreender o **processo educacional**, a maneira por que a educação se processa. Por isso mesmo ela se enquadra no conceito de **fato social** formulado pelo próprio Durkheim, podendo ser encarada como um objeto.

Apesar disso, podemos criticar essa objetividade quanto à sua pretensão de resumir o conceito de educação. Durkheim faz severa crítica às definições abstratas de educação, afirmando que não existe a educação ideal, universal, aplicável a todas as criaturas humanas, sem a consideração de espaço e de tempo. “A educação — escreve ele — tem variado infinitamente com o tempo e o meio.” Isto lhe parece suficiente para mostrar a impropriedade

da definição de Kant. Podíamos responder que a educação varia em suas formas de aplicação, atendendo à escala dos seus fins, mas na sua essência ou na sua natureza é sempre a mesma coisa. Não fosse assim e não se poderia usar a palavra **educação** em sentido geral.

A educação espartana objetivava a formação do soldado, do guerreiro; a educação ateniense objetivava a formação do homem livre segundo o conceito kantiano de perfectibilidade; a educação romana objetivava formar o cidadão e assim por diante. Mas todas as formas de educação, condicionadas pelo meio e o tempo, visavam sempre ao desenvolvimento das potencialidades humanas. Há, portanto, um homem ideal a ser alcançado, mas esse homem só pode ser alcançado através das etapas sucessivas do desenvolvimento da Civilização.

Disso podemos concluir que o conceito de Durkheim é válido no plano sociológico, porque enfrenta o aspecto subjetivo e o transcendente da educacional como **fato social**, mas não exclui a validade do conceito kantiano no plano filosófico, que enfrenta o aspecto subjetivo e a transcendente da educação. Esta crítica não é nossa, mas de René Hubert em sua "Pedagogia Geral", e se a mencionamos é por entender conveniente não deixar de lado esse problema que nos parece explicar melhor as definições ideais.

Durkheim esclarece e completa a sua definição da seguinte maneira:

"A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações que ainda não se encontram preparadas para a vida social; tem por objetivo suscitar e desenvolver na criança certo número de estados físicos, intelectuais e morais reclamados pela sociedade política em seu conjunto e pelo meio especial a que a criança particularmente se destina."

Esta definição caracteriza bem o aspecto social da educação, mas apenas esse aspecto. O autor se restringe à formação do **ser social**. Mas Hubert, que

é um filósofo néo-kantiano da educação, mostra-nos um fim superior desse processo, que define como sendo a criação do **ser moral**. Esse fim superior da educação incide também no processo social, pois Hubert considera que é ele o responsável pelas mudanças sociais. E' graças a esse fim superior que as novas gerações não se imitam a receber as experiências da geração adulta, mas sentem a necessidade de "reelaborar as experiências", segundo a tese de John Dewey, desenvolvendo a Civilização.

Formação do Ser Social

Para Durkheim o ser social é produto da educação. Quando nascemos, somos apenas um ser: o **ser individual**. Este **ser individual** se constitui apenas de conteúdos mentais relacionados com a vida orgânica. Por isso, cada nova geração surge no mundo como uma **tábula rasa**, que poderíamos hoje traduzir por um disco virgem, no qual a sociedade vai gravar, através da educação, os elementos culturais. O ser individual só possui a natureza individual, que poderíamos considerar primitiva, sem nenhum traço de cultura, a não ser, talvez, "vagas e incertas tendências sociais atribuídas à hereditariedade". A obra da educação vai ser a modelação desse individuo segundo os moldes da sociedade em que ele nasceu.

Esta posição radical de Durkheim parece provir da teoria da **tabula rasa** dos empiristas ingleses, segundo a qual nada pode existir em nossa mente que não tenha passado pelos nossos sentidos. Mas é bom acentuar que essa teoria foi superada pelo desenvolvimento da Psicologia e da própria Pedagogia Moderna, ou melhor, Contemporânea. A Psicologia Evolutiva da Infância e da Adolescência mostraram que o individuo já traz, ao nascer, tendências e vocações que caracterizam a sua personalidade latente. Já Sócrates e Platão, na Grécia antiga, afirmavam a existência de conteúdos mentais inatos em todas as criaturas humanas. A Dra. Maria Montessori, na Italia, chegou a afirmar que

a educação é um processo pelo qual se faz aflorar na mente da criança os conteúdos latentes.

Podemos chegar assim à conclusão de que o desenvolvimento do ser social na criança não é função exclusiva da educação, pois parece que há na espécie humana a possibilidade de transmissão de conteúdos culturais em forma de germes ou predisposição. O próprio Durkheim reconhece que o homem traz consigo “as diversas qualidades da inteligência”, bem como as “qualidades físicas”. Todas essas qualidades são desenvolvidas pela educação. Mas se existe desenvolvimento não se pode falar em *tabula rasa*, pois só podemos desenvolver o que já existe, pelo menos em germen.

Durkheim considera que o homem “não possui o apetite instintivo da ciência” e que só a sociedade o desenvolvimento no homem de suas potencialidades considera que o homem sujeito à sociedade não se considera oprimido, pois reconhece que o **ser social** nele criado pela sociedade representa o que há de melhor nele, “o que há em nós de propriamente humano”.

E' impossível considerarmos a sociedade como estranha ao homem, pois ela só existe graças ao homem. Acreditamos que a **relação social** produz o desenvolvimento na homem de suas potencialidades. E' graças a esse desenvolvimento que a sociedade existe e adquire qualidades superiores ao indivíduo, podendo modelá-lo. Só assim podemos dizer que o **ser social** é o que de melho rexiste em nós e representa o que temos de humano.

A herança cultural

As noções fundamentais que possuímos das coisas — como a de causa, a de lei, a de espaço, a de número etc — provêm da sociedade Durkheim afirma assim a criação, também, pela sociedade e portanto pela educação, daquilo que poderíamos chamar o **ser intelectual**. Essa herança cultural dos séculos nos é acessível através da língua.

“Sem a linguagem — escreve ele — não teríamos idéias gerais, pois é a palavra que as fixa, que dá aos conceitos eficiente consistência, permitindo a sua aplicação.”

A importância da linguagem é hoje amplamente reconhecida, pois sem ela não haveria possibilidade de transmissão cultural. Não tivéssemos a linguagem oral e escrita e não poderíamos ter a tradição oral e as bibliotecas que asseguram o desenvolvimento cultural. Não há pois antagonismo entre o homem e a sociedade. Ambos se entrosam num contexto único. Mas é o esforço homem que produz e aprimora a sociedade.

BUROCRATIZAÇÃO E POLITIZAÇÃO DOS LÍDERES ESPÍRITAS

HÉLIO ROSSI

(Da União das Sociedades
Espíritas — USE — São
Paulo.)

Os rumos históricos se acham claramente dirigidos para a coesão das forças sócio — científico — filosóficas de tôdas as doutrinas, não cabendo mais, nos dias de hoje, a atuação dissociada, seja de uma pessoa, seja de um grupo, desde que a serviço de alguma ideologia de essência universal. Subsistir juntos ou perecer separados, são as únicas alternativas para os sistemas de ciência e de filosofia dispostos a se firmarem no conceito humano.

Nenhum cientista faria o homem pôr os pés na superfície de outros corpos celestes, como nenhum filósofo se firmaria no espírito dos povos se, para tanto, não cuidasse de socializar seus princípios até levá-los ao ponto necessário à sua expansão e afirmação históricas, comungando com a sociedade os fundamentos da sua ciência ou da sua filosofia, buscando entre as gentes os recursos para vivenciar e eternizar os frutos de seu pensamento.

Não fugindo ao imperativo dêsse mecanismo, também no Espiritismo são manifestos os sintomas desta subjectividade socializadora voltada ao estreitamento da família espírita, evidenciados pela fundação da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, que longe de ser a causa é

antes o efeito dos anelos unificacionistas do proselitismo kardecista, cristalizado naquilo que chamamos USE, curial expediente de que lançou mão o nosso subconsciente social para perpetuar o patrimônio ideológico da religião espírita.

Sob a ação benfazeja da USE o Espiritismo está se desligando da fase do pioneirismo e está aderindo à fase da socialização e neste momento encontramos-nos no período mais agudo da atuação entre os partidários dos dois sistemas, a porfiarem adoção, a fim de implantarem o processo mais conveniente para administrar a vida espírita. Da presente defasagem deverá triunfar o processo de socialização por ser mais compatível às contingências modernas e mais conforme à pressuposição que fazemos dos sistemas e das mentalidades das gerações futuras.

Na ultrapassada fase do pioneirismo prevaleceu certa conduta muito afim ao caudilhismo, traduzida na maneira absolutista de que grande parte dos líderes se valiam para manter a vida agremiativa dos Centros de antanho. Era próprio da época o isolacionismo das comunidades espíritas que viviam anos a fio alentando um sistema totalmente segregacionista, devendo-se a isto que casas de uma mesma cidade nunca tivessem se aproximado para dinamizar programas comuns. A vida administrativa de tais sociedades era balisada por rígidas autocracias, a ponto de seus presidentes só serem substituídos quando viessem a falecer. A salutar influência da USE vem paulatinamente desfazendo tais caudilhosismos, dando lugar a administrações mais arejadas, mais permeáveis, tanto quanto mais liberais.

Ainda a favor do processo de socialização do trabalho espírita soma-se a irreprimível atração que a consciência humana sente pelos programas liberais, graças ao maior aproveitamento que o mesmo ensêja a todos quantos se lhe filiem.

Sinteticamente enumeradas as lacunas do antigo sistema administrativo, perguntaríamos: com a

adoção dos métodos socializadores não haveria nenhuma falha a ser corrigida?

Sim. Paralelamente a tudo quanto de bom nos trouxe a USE, esboça-se certa hipertrofia político — burocratizadora nos modernos processos de administração da vida social espírita que nos afigura necessário apontar e tratar de erradicar, para garantir à doutrina uma atmosfera de calma, de paz, de fraternidade e de abnegação. A politização e burocratização excessiva do líder espírita se dá quando êste deixa de dosar sua participação na vida religiosa e na vida social doutrinária, envolvendo-se em prolongadas demarches para alcançar certas posições administrativas, com imensos interregnos para o trabalho de evangelização e doutrinação, por tornar-se, o líder em aprêço, esvasiado de suas energias na luta infrene pela conquista ou pela manutenção dos cargos que lhe permitem atuar segundo as suas altas qualificações pessoais de condutor. As lutas eleitorais, por si só, abrasam e deslocam a consciência do líder.

Além da faina eleitoral, alternada em cada dois anos nos órgãos da USE, cuja movimentação é antecipada de quase um ano, o agente da nova ordem se vê assoberbado por um sem-número de afazeres, representações, campanhas e múltiplas outras atuações tendentes a saturar-lhe o espírito, desfocando seus cuidados da assistência aos neófitos, das campanhas de beneficiência, das instruções evangelizadoras e doutrinárias, principais objetos da estada de alguém no Espiritismo.

Quando não se cuida de dividir, dosar e planejar a participação no trabalho social corre-se o risco de se perder no dédalo burocrático de assembleias, reuniões de diretoria, atas, cartas, manifestos, propagandas, votação, acordos, oposições, adesões, demarches eleitorais, discursos, encontros periódicos na sua terra e fora dela, distribuição de volantes e de cartazes, operações estas que costumam se seguir de uma série inenarrável de pequenos episódios que tomam o tempo e fazem afastar de uma militância calma e meditativa como

convém a qualquer forma de aprendizado e vivência religiosa.

Conhecemos caso de pessoa talentosa, mas, contudo, principiante no Espiritismo, ter sido arrastada de inopino para as linhas de frente, sem melhor preparo, mas recrutada devido as suas qualidades de inteligência, de marcante personalidade e de elevados recursos de expressão. Estes engajamentos são de todo extemporâneos e só se dão por desaviso dos que assim agem.

Para avaliar os males da excessiva politização e burocratização é preciso colocar-se os olhos acima do muro do cotidiano, possuído da compreensão sôbre a importância da lavra e sementeira da Seara Cristã, sempre tão vasta, quando tão carente de lavradores.

Ninguém ocupa a posição de líder simplesmente por querer; antes, a liderança é um reflexo de maturação, um verdadeiro dom do espírito que não se deve dispersar na maré montante das atribulações sociais, cumprindo alertar aos homens que se reservem para o opus divinum de ensinar, consolar e redimir, além de operarem na parte social com vistas à implantação da doutrina, pois, ao espírito lúcido não faltará coragem suficiente para mudar o que precisa ser mudado; paciência para tolerar aquilo que precisa, mas não pode ser mudado; e inteligência para distinguir uma cousa da outra.

UMA NOVA POLUIÇÃO: A DO IDIOMA.

VICENTE PEIXOTO

(Professor e autor de obras
didáticas)

“Fala-se mal, escreve-se mal e entende-se mal. Até o ensino de Português está em crise. Professores de todos os níveis dizem que seus alunos não sabem redigir, não conhecem análise sintática, não conseguem pontuar, não gostam de ler e não ampliam seu vocabulário. Enquanto isso os erros de Português que se vêem pelas ruas não estão apenas nas placas de eletrecistas e engrachates, mas atingem até textos publicitários e placas indicativas de órgãos oficiais. As explicações para o fato são muitas e cada professor tem as suas.”

(Do “O ESTADO DE S. PAULO”, de 22 de outubro de 1972.)

Realmente. Justifica-se plenamente o que acaba de asseverar o grande órgão da imprensa de São Paulo. Tem sido mesmo uma *lástima*; pode-se dizer uma *calamidade* o que se observa atualmente em torno do assunto.

De nossa parte, foi-nos indeclinável intuito procurar levar ao conhecimento de nossos leitores o que, mui acertadamente, nos é revelado, a fim de sugerir-lhes que, em casa, ou junto aos professores de seus familiares, que já estejam frequentando classes adiantadas de grupos escolares, ginásios e colégios, focalizem esse tema, por sem dúvida, sempre oportuno.

Ainda, há poucos dias, tomando um ônibus de uma das empresas desta Capital, lemos, no vidro fronteiro a todos os passageiros, o qual fechava a cabina do motorista, em letras garrafais as seguintes palavras:

“Agradecemos a preferencia.”

E que dizer-se, então, do que vem estampado, em “clichê” do “O Estado”, de domingo p.p.?

“Estacione aqui

AVULÇO OU MENÇAL

200 vagas.”

“Aluga-se

APTOS.”

“PRATO C/ ARROS — 4,50”

Voltaremos ao assunto

Ser cortês

Para com os superiores é **obrigação.**

Para com os iguais é **distinção.**

Para com os inferiores é **nobreza.**

Para com todos é **educação.**



Composto e impresso em 1972, nas oficinas da
EMPRESA GRÁFICA DA REVISTA DOS TRIBUNAIS S.A.
R. Conde de Sarzedas, 38, fone 33-4181, São Paulo, S.P., Brasil

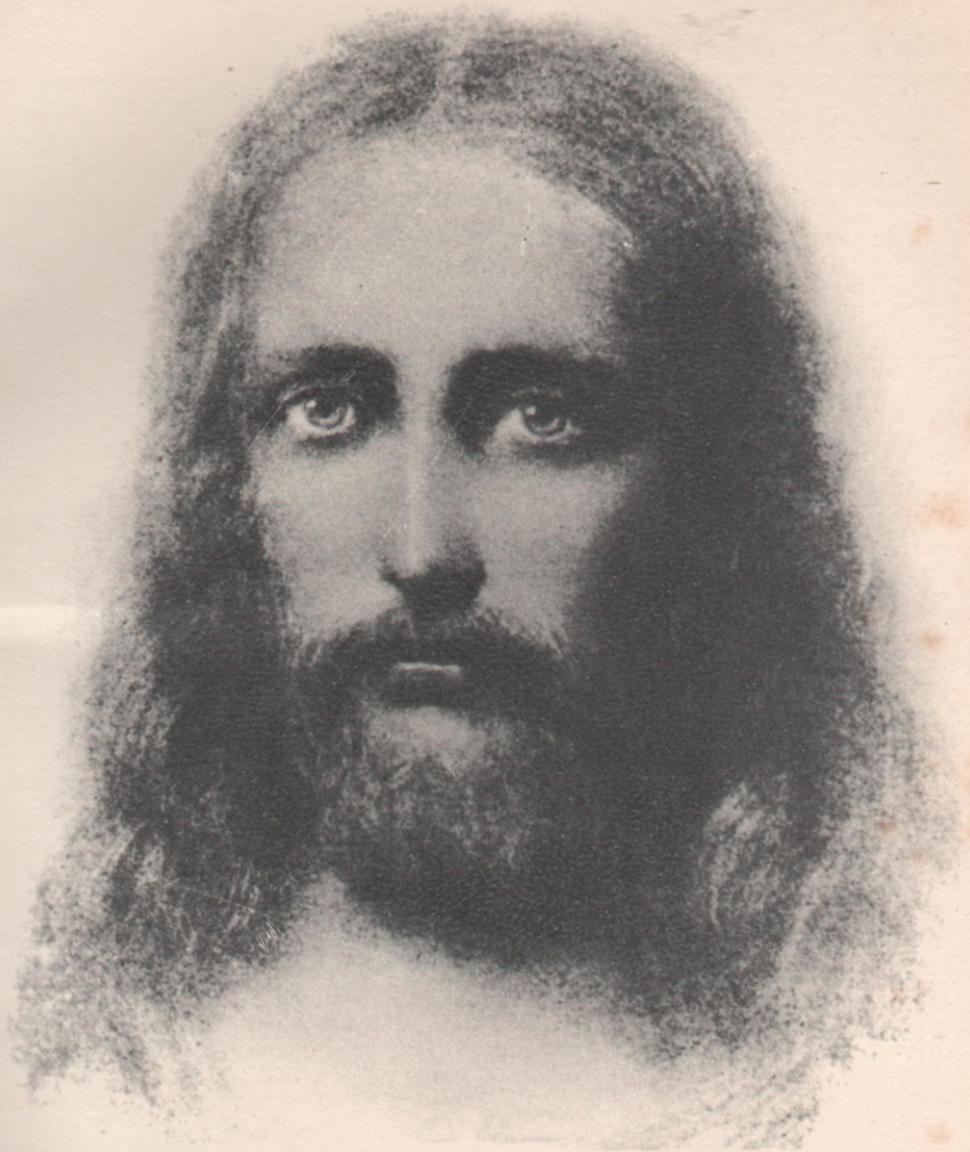
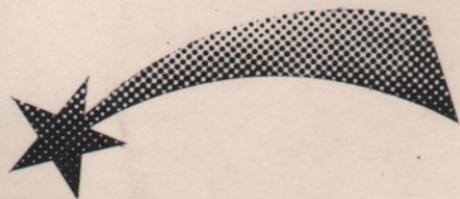


Foto de Jesus, obtida no Congresso de Metapsíquica, realizado em Hamburgo (Alemanha), em 1927, com o médium polonês, Ruzc.

Analísada pelo famoso pesquisador alemão, Barão Von Schrenck-Notzing que a considerou como fenômeno ideoplástico.



1972 ANO DO SESQUICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA